

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS CAMPUS  
OURO PRETO  
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

GUSTAVO GABRIEL CALDEIRA

**DA PRIMAZIA À RUÍNA: A CAPELA DE SÃO GONÇALO NA PAISAGEM  
HISTÓRICA DE MARIANA**

OURO PRETO

2026

GUSTAVO GABRIEL CALDEIRA

**DA PRIMAZIA À RUÍNA: A CAPELA DE SÃO GONÇALO NA PAISAGEM  
HISTÓRICA DE MARIANA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Tecnólogo em Conservação  
e Restauração de Bens Culturais, no Instituto  
Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fernandes Bohrer

Coorientador: Me. Tiago da Cunha Rosa

OURO PRETO

2026

---

C146p Caldeira, Gustavo Gabriel.  
Da primazia à ruína: a capela de São Gonçalo na paisagem histórica de Mariana [manuscrito] / Gustavo Gabriel Caldeira. – 2026.  
52 f. : il.

Orientador: Alex Fernandes Bohrer.  
Coorientador: Tiago da Cunha Rosa  
Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2026.

1. Capela de São Gonçalo – Mariana (MG). 2. Capela de São Gonçalo – Reconstrução virtual. 3. Modelagem tridimensional. I. Bohrer, Alex Fernandes. II. Rosa, Tiago da Cunha. III. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. IV. Título.

CDU: 726

---

Catálogo: Andresa Aredes Ferreira CRB-6/MG-003262/0


Gustavo Gabriel Caldeira

DA PRIMAZIA À RUÍNA: A CAPELA DE SÃO GONÇALO NA PAISAGEM  
HISTÓRICA DE MARIANA

Trabalho apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Tecnólogo em Conservação  
e Restauração de Bens Culturais, no Instituto  
Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto.


Orientador: Prof. Dr. Alex Fernandes Bohrer  
Coorientador: Prof. Me. Tiago da Cunha Rosa

Aprovado em: 04/03/2026 pela banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **ALEX FERNANDES BOHRER**  
Data: 10/03/2026 10:15:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr. Alex Fernandes Bohrer - IFMG *Campus* Ouro Preto (orientador)

Documento assinado digitalmente  
 **TIAGO DA CUNHA ROSA**  
Data: 09/03/2026 15:57:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Me. Tiago da Cunha Rosa (coorientador)

Documento assinado digitalmente  
 **REGIS EDUARDO MARTINS**  
Data: 10/03/2026 09:23:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Régis Eduardo Martins - IFMG *Campus* Ouro Preto

Documento assinado digitalmente  
 **JUSSARA DUARTE SOARES**  
Data: 09/03/2026 21:52:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Me. Jussara Duarte Soares (Avaliadora externa)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui.

Aos meus familiares, que de alguma forma me ajudaram e me apoiaram ao longo dessa jornada, e em especial à minha mãe, Sueli, por ter sido fundamental para que eu alcançasse esse momento.

Aos meus amigos, especialmente Jean e Léo, que me acompanham de perto desde antes mesmo do início do curso, bem como àqueles amigos que foram feitos durante essa caminhada, pelo carinho, apoio, conselhos e incentivo.

Aos professores do curso de Restauro, que estiveram presentes não apenas em sala de aula, mas também além dela. Em especial aos professores Alex e Tiago, pela orientação neste trabalho, tema que almejo pesquisar desde muito tempo.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui, direta ou indiretamente.

## RESUMO

O trabalho analisa a trajetória histórica da capela de São Gonçalo, localizada na cidade de Mariana, Minas Gerais, atualmente inexistente, buscando compreender processos de transformação, permanência e desaparecimento com o passar do tempo. A presente pesquisa se fundamenta em levantamento bibliográfico, documental, análises iconográficas e fotográficas, além do levantamento métrico *in loco* que permitiram a execução dos modelos tridimensionais hipotéticos. A partir dessas fontes, é possível investigar alterações morfológicas desde o século XIX até a ruína definitiva do templo, no século XX. Como resultado, propõe-se uma reconstrução tridimensional interpretativa da capela de São Gonçalo em dois recortes temporais, baseado na relação entre os registros históricos e fontes de imagens. Os modelos digitais, que são apresentados por meio de imagens renderizadas, assumem uma ferramenta de interpretação e valorização da memória de um bem cultural desaparecido, contribuindo com o pertencimento de uma comunidade, história local, além da difusão do patrimônio através de novas ferramentas tecnológicas.

## ABSTRACT

This study analyzes the historical trajectory of the Chapel of São Gonçalo, located in the city of Mariana, Minas Gerais, currently no longer extant, seeking to understand processes of transformation, continuity, and disappearance over time. The research is based on bibliographic and documentary surveys, iconographic and photographic analyses, as well as an in situ metric survey that enabled the development of hypothetical models. From these sources, it is possible to investigate morphological changes from the nineteenth century until the temple's definitive ruin in the twentieth century. As a result, an interpretative three-dimensional reconstruction of the Chapel of São Gonçalo is proposed for two different temporal phases, based on the relationship between historical records and visual sources. The digital models, presented through rendered images, serve as tools for interpreting and valuing the memory of a disappeared cultural asset, contributing to community identity, local history, and the dissemination of heritage through new technological tools.

**Palavras-chave:** Capela de São Gonçalo. Mariana, Minas Gerais. Modelagem tridimensional. Reconstrução virtual. Tecnologia.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de Mariana entre os anos 1702-1711.....	11
Figura 2: Planta da Capela de Santana de Mariana.....	14
Figura 3: Vista geral da cidade de Mariana em 1824, por J. Martins Braga, em recorte, a capela de São Gonçalo.....	19
Figura 4: Comparativo com a gravura de 1824.....	20
Figura 5: Recorte da gravura de 1846-1847 mostrando onde a capela deveria se localizar.....	21
Figura 6: Cidade Episcopal de Marianna - Província de Minas, 1868.....	22
Figura 7: Panorama da cidade de Mariana. S/d.....	23
Figura 8: Detalhe das obras na igreja de São Pedro dos Clérigos e da capela de São Gonçalo.....	23
Figura 9: A capela de São Gonçalo no século XX.....	24
Figura 10: Muro e torre sineira da antiga capela de São Gonçalo ainda de pé.....	25
Figura 11: Muro e escadaria do cemitério de São Gonçalo.....	26
Figura 12: Degraus presentes no cemitério de São Gonçalo.....	26
Figura 13: Imagem de São Gonçalo.....	27
Figura 14: A capela de São Gonçalo.....	28
Figura 15: Matriz de Nossa Senhora da Glória de Passagem, e a capela do Carmo, de Furquim.....	32
Figura 16: Capelas do Padre Faria, Santana do Morro e São Sebastião, respectivamente.....	32
Figura 17: Exemplos em sequência: forro com tabuado liso, cimalha nos pilares da torre e vão em arco abatido.....	34
Figura 18: Exemplos (destacados de vermelho) de frontão com duas janelas acima da portada principal, porta com bandeira e almofadas, e tribunas.....	35
Figura 19: Levantamento de medidas.....	37
Figura 21: Recorte da planta do cemitério de São Gonçalo.....	38
Figura 22: Adro do cemitério já executado.....	38
Figura 23: Método de sobreposição do levantamento e imagem.....	39
Figura 24: Resultado da etapa anterior.....	40
Figura 25: Volumetria levantada no software Sketchup.....	40

Figura 26: Modelo da capela em execução.....	41
Figura 27: Modelo da capela em execução.....	41
Figura 28: Modelo da capela finalizado.....	42
Figura 29: Modelo da capela já no adro.....	42
Figura 30: Modelo tridimensional finalizado.....	43
Figura 31: Igreja de Nossa Senhora Rainha dos Anjos e das Mercês, respectivamente.....	44
Figura 32: Método de sobreposição da gravura de 1824.....	44
Figura 33: Modelos hipotéticos proporcionais.....	45
Figura 34: Modelo da capela segundo a gravura de 1824.....	45
Figura 35: Modelagem tridimensional sobre a gravura de 1824.....	46
Figura 36: Modelo finalizado.....	46
Figura 37: A capela de São Gonçalo segundo registros do século XX.....	47
Figura 38: A capela de São Gonçalo segundo registros do século XIX.....	48
Figura 39: Comparativo com a fonte iconográfica do século XX.....	48
Figura 40: Comparativo com a fonte iconográfica do século XIX.....	49

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 01 - O ARRAIAL E A VILA DE NOSSA SENHORA DO CARMO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 02 - A CAPELA DE SÃO GONÇALO.....</b>	<b>12</b>
2.1 Breve contexto das capelas mineiras no século XVIII.....	12
2.2 Origem, fundação e o decorrer da capela de São Gonçalo no século XIX.....	13
2.3 O primeiro desaparecimento no século XIX;.....	14
2.3.1 A ausência da capela na paisagem e os registros fotográficos de Mariana no século XIX.	16
2.4 Reaparecimento da capela e sua nova estrutura no início do século XX;.....	19
2.5 O Segundo abandono e ruína definitiva da capela de São Gonçalo;.....	21
2.6 O São Gonçalo nos dias atuais.....	23
<b>CAPÍTULO 03 - MODELAGEM TRIDIMENSIONAL DO QUE PODE TER SIDO A CAPELA DE SÃO GONÇALO.....</b>	<b>26</b>
3.1 Fundamentação Teórica.....	26
3.2 A Morfologia da capela de São Gonçalo.....	28
3.3 Fontes Documentais.....	30
3.4 Levantamento métrico.....	33
3.4.1 A execução tridimensional do adro.....	35
3.5 Execução dos modelos tridimensionais.....	36
3.6 A capela de São Gonçalo no século XIX.....	40
3.6.1 Método de Execução da capela segundo as gravuras do século XIX.....	41
3.7 Renderização final.....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

O patrimônio religioso desempenha um papel fundamental na conformação social e simbólica das cidades históricas de Minas Gerais. Templos religiosos, de modo geral, como ermidas, capelas e igrejas, não apenas estiveram presentes desde a descoberta dos primeiros núcleos de ocupação, mas também atuaram como marcos de devoção, sociabilidade e identidade ao longo dos séculos. No entanto, alguns bens edificados não conseguiram, por motivos diversos, atravessar o tempo de forma íntegra ou sem alterações morfológicas com o correr dos anos, sendo muitos deles transformados, modificados, descaracterizados e até mesmo demolidos, permanecendo presentes apenas em registros documentais, iconográficos e na memória popular, transmitida ao longo de gerações.

Inserida nesse contexto, a capela de São Gonçalo, que se localizava na cidade histórica de Mariana, Minas Gerais, configura-se como um exemplo de grande significância de um bem patrimonial desaparecido, cuja trajetória se entrelaça aos os processos de formação, expansão e reorganização do espaço social, desde o período colonial brasileiro. Embora a capela de São Gonçalo seja referenciada como uma das mais antigas da cidade de Mariana e associada a eventos de grande relevância para a história mineira - como a entrada solene do primeiro Bispo de Mariana -, a capela sofreu sucessivos processos de abandono, ruína e alteração morfológica, até o seu desaparecimento definitivo no século XX.

Apesar da ausência física do edifício, a memória da capela de São Gonçalo permanece presente através de vestígios da sua existência, como o cemitério, a escada de cantaria e também o bairro, que conserva o seu nome desde os primórdios da formação da cidade.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória histórica da capela de São Gonçalo, compreendendo seus processos de permanência, ressignificação e desaparecimento, bem como propor uma reconstrução tridimensional interpretativa do que pode ter sido a capela em diferentes momentos da sua existência. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa bibliográfica e documental, análise iconográfica e fotográfica, levantamento métrico *in loco* e elaboração de uma modelagem tridimensional, sem a pretensão de reconstruir fielmente do que foi a capela de São Gonçalo, mas sim, oferecer uma ferramenta de interpretação e valorização de um patrimônio histórico desaparecido.

## CAPÍTULO 01 - O ARRAIAL E A VILA DE NOSSA SENHORA DO CARMO.

Fundada em razão da descoberta do ouro no final do século XVII, a partir de expedições dos bandeirantes paulistas que vinham à procura de novos territórios até então desconhecidos, o Arraial de Nossa Senhora do Carmo foi, segundo Diogo de Vasconcellos (Vasconcellos, 1918 *apud* Camêllo, 2016, p. 5), o primeiro Arraial do território de Minas Gerais. O primeiro nome, em graça à Nossa Senhora do Carmo, decorreu do dia em que foi descoberto o ouro abundante no ribeirão que também foi nomeado com o nome da santa, no dia 16 de julho de 1696.

A expedição, que chegou ao território onde hoje se encontra Mariana, foi comandada pelo coronel Salvador Fernandes Furtado no final do século XVII. Assim que descobriram o ouro no rio, Salvador Fernandes, junto da sua expedição, apropriou-se do ribeirão, erguendo, assim, as primeiras cabanas ao longo do leito do rio e também as primeiras lavras de mineração (Gonçalves *et al.*, 1998). Formou-se, desse modo, o que viria a ser, mais tarde, o núcleo do “Mata-Cavalos”, território que hoje corresponde ao bairro Santo Antônio. O nome do núcleo se deve ao terreno alagadiço, que oferecia riscos constantes aos animais utilizados na mineração (Vasconcellos, 1938). Com o passar do tempo, foram erguidas as primeiras casas e também a primeira capela do arraial, dedicada a Nossa Senhora do Carmo, consagrada pelo Padre Francisco Gonçalves Lopes, capelão da bandeira.

Segundo Fonseca (Gonçalves *et al.*, 1998), o Arraial sofreu duas deserções entre os anos de 1697-1698 e de 1701-1702, devido a fatores relacionados à escassez de alimentos. Em 1703, Antônio Pereira Machado<sup>1</sup>, bandeirante que vinha junto à expedição de Furtado, retorna ao Arraial do Carmo que, naquele momento, se encontrava quase abandonado, motivado pela ambição de explorar o ribeirão e retirar o ouro ali concentrado. Com essa instalação, Antônio Pereira ergue, nas suas terras, no mesmo ano, uma ermida consagrada à Nossa Senhora da Conceição, que segundo a tradição, é atualmente a Catedral da Sé de Mariana. A intenção de explorar o ouro do ribeirão surtiu resultados, fazendo com que o arraial voltasse a crescer, porém em um novo núcleo, ao redor da ermida de Nossa Senhora da Conceição, que ficou conhecido como o Arraial de Baixo, em distinção do Arraial de Cima ou Arraial Velho, como ficara conhecido (Gonçalves *et al.*, 1998). Esse novo núcleo cresce ao

---

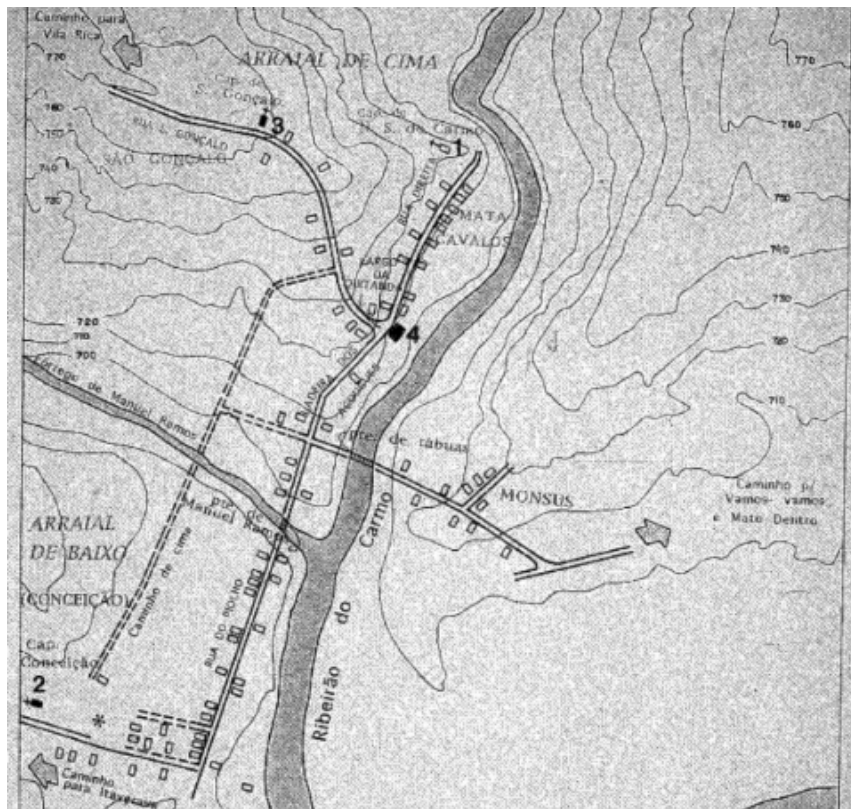
<sup>1</sup> Antônio Pereira Machado é um explorador aurífero português e fundou, no princípio do século XVIII, um pequeno povoado que levava o nome de Bonfim do Mato Dentro, tornando-se mais tarde o atual distrito de Antônio Pereira, na cidade de Ouro Preto.

redor das terras de Antônio Pereira Machado devido sua topografia favorável e por estar mais afastado do leito do ribeirão do Carmo, que em épocas de cheias, causava grandes enchentes.

Concomitantemente ao abandono e à nova ascensão, surge, no Arraial de Cima, o núcleo de São Gonçalo, que preserva no bairro o mesmo nome até os dias atuais. Esse novo núcleo formou-se ao longo da antiga estrada de acesso ao arraial vizinho, que mais tarde tornou-se a cidade de Ouro Preto, via que, segundo Diogo de Vasconcellos, foi aberta por volta do ano de 1700 por Salvador Fernandes Furtado. O nome de São Gonçalo decorre da existência de uma capela acessada por esse caminho.

Entre os anos de 1709 e 1710, o Arraial do Carmo encontrava-se em considerável expansão. Esse crescimento concentrava-se principalmente na margem do ribeirão do Carmo e no caminho que conectava o Arraial de Baixo ao acesso que levava para os Arraiais que mais tarde se tornaram Vila Rica (Gonçalves *et al.*, 1998), passando pelo núcleo do São Gonçalo, na via então denominada de Rua Nova - atual rua de São Gonçalo. Por volta de 1710, o Arraial já possuía, além dos núcleos iniciais descritos, outro núcleo que se formava transpondo o ribeirão, estendendo-se sobre o Morro dos Monsus (Gonçalves *et al.*, 1998), área que atualmente corresponde à região abaixo da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana.

Figura 1: Mapa de Mariana entre os anos de 1702-1711.



Fonte: GONÇALVES *et al.*, 1998, p. 58. Adaptado pelo autor.

Esse crescimento levou, conseqüentemente, o Arraial do Carmo à sua elevação à categoria de Vila, ocorrida em abril de 1711 pelo então governador da Capitania de São Paulo e Minas Gerais, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho (Oliveira, 2003). Além da Vila do Carmo, foram elevadas a mesma condição a Vila Rica (atual município de Ouro Preto) e a Vila Real do Sabará (atual município de Sabará), sendo essas as três primeiras Vilas oficializadas em Minas Gerais.

Já na condição de Vila, tornou-se necessário estipular um local adequado para a construção de uma nova Câmara Municipal e do pelourinho, e, da mesma forma, da igreja matriz, caso esta não existisse (Gonçalves *et al.*, 1998). Dessa forma, a necessidade de uma nova igreja matriz - no sentido de ampliação e do conseqüente aumento da população religiosa - tornava-se de extrema importância. A preferência recaiu sobre a capela de Nossa Senhora da Conceição erguida por Antônio Pereira Machado em 1703, que já havia passado por intervenções e localizava-se em um espaço mais adequado para o culto e às celebrações.

Assim, a nova matriz da Conceição recebeu reformas de estruturação e ampliação para fazer jus ao seu novo título. A partir da definição da capela da Conceição como igreja matriz, novos arruamentos começaram a ser abertos, e os existentes, transformados. Nesse momento, inclusive, foi traçada a atual rua Direita, onde posteriormente se construíram diversos sobrados da classe dominante da Vila.

Em razão da elevação à categoria de Vila e da transferência da matriz para a capela da Conceição, os núcleos de Mata-Cavalos e São Gonçalo, que deixaram de ser o principal foco de crescimento, foram gradualmente se esvaziando, à medida que a centralidade política, administrativa e religiosa se deslocava para o novo núcleo em formação. Esses núcleos primários mantiveram, por longo período, sua forma original de fundação, sem apresentar crescimento relevante, diferentemente do que ocorria no novo centro da Vila.

Com o passar dos anos, a Vila do Carmo atingiu seu apogeu na mineração aurífera e, apesar das constantes enchentes do ribeirão do Carmo - um problema à época - D. João V, rei de Portugal, decide por instalar na Vila a sede do novo bispado, concretizada em 1745. Com a criação do bispado, a categoria de Vila tornou-se insuficiente, levando o Carmo a ser elevado à categoria de cidade no mesmo ano, passando a se chamar Mariana, em homenagem a D. Maria Anna D'Áustria, esposa de D. João V (Gonçalves *et al.*, 1998).

Percebendo o potencial crescimento após o título de cidade e criação do bispado em Mariana, D. João V ordenou o levantamento de uma nova planta para a cidade, que ficou a cargo do engenheiro militar José Fernandes Pinto e deveria ser construída “no campo da vila”

(Gonçalves *et al.*, 1998), território situado logo acima do atual prédio da Casa de Câmara de Mariana.

Com toda essa transformação do espaço de Mariana, núcleos primitivos como o de Mata Cavalos e de São Gonçalo foram gradualmente esquecidos e relegados a posições periféricas. Durante o processo de construção da nova cidade, esses núcleos não foram incluídos nessa renovação. Sendo assim, a compreensão desse processo é fundamental para que se possa visualizar e analisar de forma mais precisa a trajetória do núcleo de São Gonçalo e também o desaparecimento da Capela de São Gonçalo, cuja história se entrelaça com as dinâmicas de permanência, abandono e transformação da paisagem histórica da cidade de Mariana desde o século XVIII.

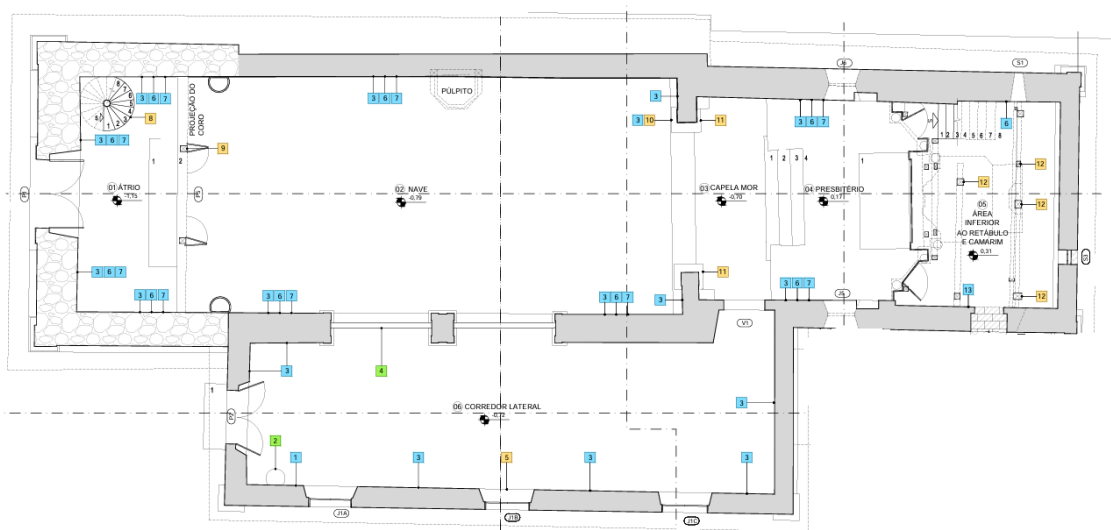
## CAPÍTULO 02 - A CAPELA DE SÃO GONÇALO

### 2.1 Breve contexto das capelas mineiras no século XVIII

A presença de uma capela de devoção é observada desde a fundação de povoações no período colonial até o decorrer do seu crescimento, o que evidencia a estreita relação entre a evolução urbana e a constituição dessas edificações, bem como do seu patrimônio (Miranda, 2002). Na formação inicial dessas povoações, as capelas constituíam-se como o centro da povoação, geralmente ocupando posição de destaque ao redor do traçado urbano nascente.

A planta dessas capelas era, em sua maioria, retangular, organizada pela sequência de nave e capela mor, acompanhados por sacristia e consistório, sendo esses últimos inseridos em um segundo pavimento ou dispostos em corredores laterais. A ornamentação interna dessas capelas, por mais simples que fosse a irmandade, buscava alcançar o maior grau de refinamento possível, tanto por razões de devoção quanto pelas exigências de decoro impostas pelas autoridades eclesiásticas da época.

Figura 2: Planta da Capela de Santana de Mariana.



Fonte: Prefeitura Municipal de Mariana. Adaptado pelo autor.

O processo construtivo dessas edificações dependia não apenas da disponibilidade financeira das irmandades, mas também de uma série de autorizações que regulavam os aspectos litúrgicos e administrativos do culto. Os materiais empregados eram definidos conforme a arrematação do projeto, conduzido por um construtor que iria conduzir os trabalhos (Miranda, 2002).

Quanto ao adro desses edifícios, conforme determinava a regência eclesiástica da época, este deveria ser devidamente murado, sob a pena de a irmandade não obter a

autorização necessária para a construção do seu templo, tampouco o seu funcionamento. Contudo, a construção do templo era prioritária, ficando os arremates, como os muros do adro, para as etapas finais da obra. A localização do templo neste espaço, segundo a *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707)*, deveria ocorrer em plataformas alteadas (Miranda, 2002), o que resultava na criação de escadarias de acesso ao templo, conferindo imponência e força simbólica ao conjunto.

É dentro desse contexto de consolidação e organização espacial, que insere-se a capela de São Gonçalo da cidade de Mariana, cuja existência, embora mencionada por fontes históricas e iconográficas, apresenta lacunas quanto à sua origem e ao desenvolvimento da sua história.

## **2.2 Origem, fundação e o decorrer da capela de São Gonçalo no século XIX**

Não foram encontradas informações precisas sobre a fundação da capela de São Gonçalo, tampouco a data exata de seu surgimento. Segundo Salomão de Vasconcellos, em 1703, o Arraial do Carmo já contava com duas capelas erguidas, uma dedicada à Nossa Senhora do Carmo, erguida pelos exploradores bandeirantes da expedição de Salvador Fernandes Furtado, e outra dedicada à Nossa Senhora da Conceição, erguida pelo também bandeirante Antônio Pereira Machado. Vasconcellos, ao escrever sobre a Catedral da Sé e a capela do Rosário Velho (atual capela de Santo Antônio), descreve que, ela foi, na verdade, a terceira erguida no Arraial, trazendo a hipótese de que a original capela do Carmo pode ter se transformado, mais tarde, na capela de São Gonçalo, conforme trecho do seu livro *Marianna e seus templos: Era Colonial*:

Até hoje não se sabe, ao certo, onde ficava essa capellinha. Não seria o mesmo onde se levantou mais tarde a actual Igreja de N. S. do Carmo, porque esse terreno era de particular e só muito mais tarde foi adquirido para esse fim. Além disso, quando se construiu o templo actual, a capella que ahi existia era a do Menino Jesus, edificada pouco antes pela mesma Ordem do Carmo, em character provisório. Temos para nós que a capellinha bandeirante, erguida por Salvador Fernandes Furtado mais ou menos em 1700, era a que se transformou mais tarde em Rosario Velho. Duas razões principaes nos levam a assim presumir: 1) por ficar essa Capella do Rosario exactamente no ambito de Matta-Cavillos, onde começou a exploração e teve inicio o povoado; 2) por não existir em outro ponto do arrial de cima nenhum alicerce ou indicio de qualquer outra capella, que pudesse ter como a antiga de N. S. do Carmo. Naturalmente, depois que a ordem se congregou em S. Gonçalo, para constituir mais tarde, casa propria, a Irmandade de N. S. do Rosario aproveitou a primitiva capellinha, com o novo orago, continuando com esse nome até á edificação do Rosário novo, quando se transformou, por último, em Capella de Santo Antonio, como até hoje. Fora d'ahi, só podemos admitir que a primitiva capellinha fosse a que se transformou, mais tarde, na de São Gonçalo. (Vasconcellos, 1938, p. 3.)

Assim como Vasconcellos, Raimundo Trindade também reforça que a capela de São

Gonçalo é, segundo a tradição, “das igrejas mais antigas de Mariana”<sup>2</sup>, mas que não existe documentação que comprove sua primazia. De acordo com Trindade, a capela começou a ser citada a partir de registros da Irmandade do Senhor dos Passos, que, após desavenças com a Irmandade do Rosário Velho, depositou em 1746 a venerada imagem do Senhor dos Passos no interior da capela de São Gonçalo (Trindade, 1945).

Apesar de apagada na história, a capela de São Gonçalo possui uma referência histórico-religiosa de grande importância, que reforça sua centralidade simbólica, apesar da marginalização sofrida pelo núcleo, já que seu interior serviu como agremiação de duas importantes irmandades da cidade de Mariana, sendo elas a Irmandade da Arquiconfraria de Nossa Senhora dos Anjos e Cordão de São Francisco, fundada em 1760, que se reunia inicialmente na capela de São Gonçalo (Ferreira, 2013) e também a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que permaneceu na capela durante os anos de 1758 e 1759. No entanto, em razão das desavenças com os irmãos de São Gonçalo, a Ordem viu-se obrigada a migrar do local inicial de culto<sup>3</sup>.

Além do seu papel como espaço de agrupamento provisório das irmandades citadas, a capela de São Gonçalo também esteve associada a um evento de grande relevância para a história eclesiástica de Mariana: a chegada do primeiro bispo da cidade, Dom Frei Manuel da Cruz. Após longos meses de viagem, o bispo realizou sua entrada triunfal em sua diocese a partir da capela de São Gonçalo, em procissão solene. Francisco Ribeiro da Silva, no livro *Áureo Trono Episcopal*, descreve:

Havia S. Excelência de paramentar-se na capela de São Gonçalo, a qual se situava no princípio da cidade [...].  
[..] Saiu S. Excelência do seu palácio das nove para as dez da manhã em uma liteira e foi para a capela de São Gonçalo, onde o recebeu toda a nobreza eclesiástica[...].  
(Silva, 1749, p.42.)

Com o declínio da atividade aurífera na segunda metade do século XVIII, diversas irmandades religiosas passaram a enfrentar dificuldades financeiras, incluindo a Irmandade de São Gonçalo. Durante os anos de 1793 e 1794, os registros indicam que as despesas da irmandade superaram significativamente suas receitas. O livro de receitas e despesas da Irmandade de São Gonçalo, atualmente sob a guarda do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, apresenta registros até o ano de 1803, evidenciando o progressivo

<sup>2</sup> Trindade, 1945, p. 202.

<sup>3</sup> Em 29 de maio de 1759, a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Mariana adquiriu um terreno localizado na mais nova praça da cidade, com o objetivo de edificar uma capela própria para a Ordem, conforme descrito por Raimundo Trindade: “[...]que se comprassem uns chãos que estão na Praça nova desta cidade [...], [...]para nelles se fazer a capela em que esta venerável Ordem se estabeleça[...]” (Trindade, 1945, p.168). Assim, pela primeira vez, reuniu-se a Veneranda Ordem em sua capela provisória, localizada na nova praça da cidade, em 2 de outubro de 1759, tendo como orago o Menino Deus.

enfraquecimento econômico da irmandade.

### 2.3 O primeiro desaparecimento no século XIX;

Com o crescimento da Vila, posteriormente elevação para cidade e criação do bispado na metade do século XVIII, o núcleo primitivo do Mata-Cavalos e de São Gonçalo se tornaram a porção de menor ocupação da cidade de Mariana. O núcleo de São Gonçalo, que ainda servia de passagem como caminho a Vila Rica, perde sua função principal no traçado da cidade quando, em 1782, se constrói o novo caminho de acesso, que passa a ser feito pela Rua Nova (Gonçalves *et al.*, 1998), atual Rua Dom Silvério. Assim, foi transformando-se o núcleo de São Gonçalo “em uma comuna de malandros e elementos da escória” (Santos, 1967 *apud* Gonçalves *et al.*, 1998.)

O primeiro registro documental que se tem até então, que indica o desuso da capela de São Gonçalo, data de 23 de dezembro de 1830, por meio de uma publicação do jornal “Estrella Mariannense”. Na publicação, discutia-se, na Câmara Municipal de Mariana, a necessidade da criação de um novo cemitério para a cidade, sugerindo onde ele poderia ser. Na proposta, menciona-se como utilização provisória a capela de São Gonçalo, conforme o trecho a seguir:

[...] que pode muito bem servir interinamente a Igreja de S. Gonçalo, que é retirada da Cidade, e da qual se não faz presentemente uso algum; e assim ficar para ali removido o que ora existe num dos mais bellos largos d'esta Cidade.”  
(Jornal *ESTRELLA MARIANNENSE*. Nº 34, 23 de dezembro de 1830).

A menção de que a capela “não se faz presentemente uso algum” sugere que, na terceira década do século XIX, a capela já se encontrava sem uso. Isso pode ser comprovado também através de uma transição documental feita por Luiz Alberto Sales Vieira<sup>4</sup>, onde na Câmara de Mariana se definia o cemitério de São Gonçalo como o cemitério geral da cidade. Na transcrição, os representantes discorrem acerca do espaço que possuía “[...] uma pequena capela que pode servir para depósito dos cadáveres e celebração de missas pelas almas dos fiéis.”<sup>5</sup>, mas que “[...] não servindo esta capela para coisa alguma, pelo estado de abandono e quase iminente ruína [...]”<sup>6</sup>. Ainda no documento, há o interesse para que a capela de São Gonçalo ficasse conservada como ermida do cemitério, além da autorização e disposição de verba da Câmara de Mariana para o reparo da mesma.

---

<sup>4</sup> Gonçalves *et al.*, 2004, p. 167.

<sup>5</sup> Idem

<sup>6</sup> Idem

Todavia, segundo Vasconcellos (1938), a efetiva transladação do cemitério para a capela de São Gonçalo ocorreu apenas em 1852, motivada por reclamação dos moradores em arredores da praça da matriz, que se incomodavam devido ao forte odor dos falecidos sepultados. Vasconcellos transcreve trecho do documento original, no qual se deliberava sobre a nova destinação dos fiéis defuntos: “[...] Melhormente acentando-se olugar destinado, já oferecido, por este Nobilissimo Senado, para Sepultura dos mortos [...]” (Arquivo da Câmara de Mariana, *apud* Vasconcellos, 1938, p.21-22).

Presume-se que a capela pode ter entrado em estado de ruína no ano de 1842, quando através de um ofício, a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Vila Rica pede a irmandade de São Gonçalo a doação de um sino “meião” que compunha uma das sineiras da capela:

Ilmo Exmo. Sr. Diz o procurador geral da Venerável Ordem 3º de N.a S.a do Monte Carmelo desta Cidade que, entre, os sinos pertencentes à Nação vindos da extinta Capela de São Gonçalo, da cidade de Mariana, existentes no colégio que se estabeleceu nesta Cidade, que o Sup.e, arrematar um meião, para a mesma Ordem, e porisso requer a V. Excia. Se digne mandar proceder á avaliação dáquele que o Sup.e escolher e, procedida que seja, mandá-lo arrematar para servir e pertencer á mesma Ordem.

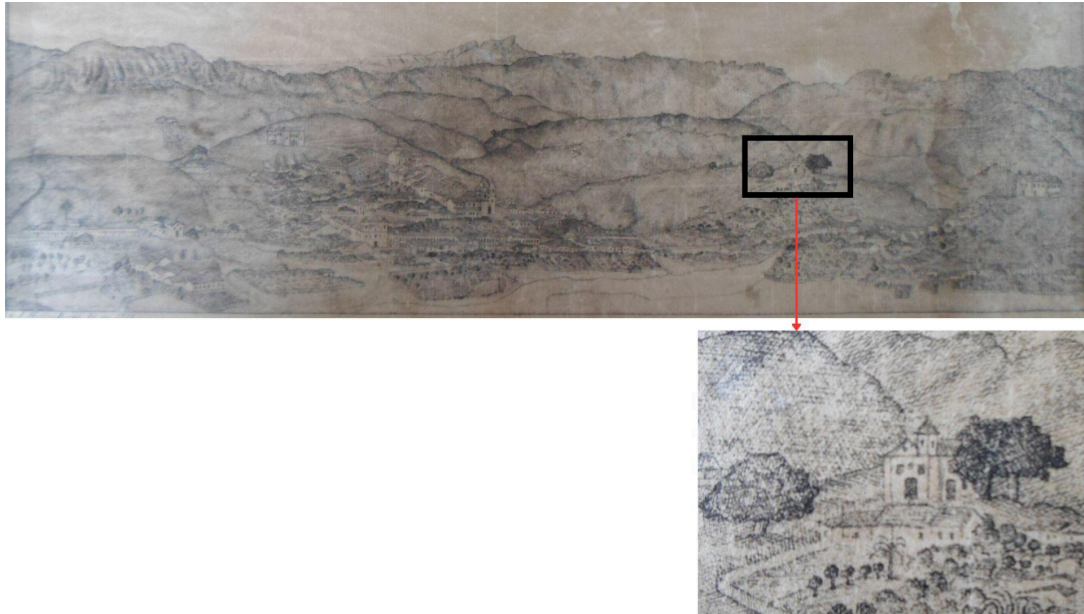
(Liv. Nº 293, Prov. de A. P. M. *apud* Vasconcellos, 1938, p. 12.)

Não é possível afirmar se a “extinta capela” se refere apenas a torre sineira ou da capela por completo, pois “Era, a principio, de duas torres, como se poderá ver de uma antiga planta levantada pelo padre Viégas e existente na secretaria da Prefeitura. Supriram-lhe mais tarde uma das torres [...]” (Vasconcellos, 1947, p. 12). A partir dessas informações, supõe-se que a capela de São Gonçalo já vinha se transformando morfológicamente, alterando-se conforme as necessidades, seja de uso ou de alteração estrutural.

### **2.3.1 A ausência da capela na paisagem e os registros fotográficos de Mariana no século XIX**

Sob a guarda e acervo da Casa Setecentista de Mariana, atual escritório técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), encontra-se uma gravura feita em bico de pena, de autoria de J. Martins Braga, datada de 1824. A obra apresenta uma vista abrangente da cidade de Mariana, contendo os bairros, igrejas e capelas existentes, incluindo a capela de São Gonçalo.

Figura 3: Vista geral da cidade de Mariana em 1824, por J. Martins Braga, em recorte, a capela de São Gonçalo.



Fonte: Acervo da Casa Setecentista de Mariana, adaptado pelo autor.

Na gravura, a capela de São Gonçalo encontra-se implantada no alto de uma colina e apresenta um traço arquitetônico simples, mas característico da arquitetura religiosa mineira nos séculos XVIII e XIX: frontão triangular, portada centralizada, duas janelas ou sacadas, dois óculos, nave e capela mor e uma torre sineira lateral e anexa.

Para fins de verificação da confiabilidade da gravura de Braga, propõe-se recortes comparativos da gravura, a fim de estabelecer que, apesar de ser uma gravura oitocentista, não houve a intenção da alteração espacial e morfológica sobre o olhar do autor, já que não foi possível a localização de outras obras do mesmo durante essa pesquisa. Como exemplo, temos o recorte da antiga matriz, hoje Catedral da Sé, a igreja de São Pedro dos Clérigos e a atual Praça Minas Gerais, onde se localizam as igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis, e a análise se dá através dos vãos de janelas dos edifícios representados na gravura, que estão numerados como “1, 2, 3” conforme a figura 4.

Figura 4: Comparativo com a gravura de 1824.



Fonte: Diversas<sup>7</sup>.

Como observado na figura acima, Braga representa as edificações com certa fidedignidade. Na parte inferior, as duas primeiras fotos, mais antigas, representando a Catedral da Sé e a igreja de São Pedro dos Clérigos respectivamente, foram escolhidas devido ao fato de que, nos dias atuais, não existe mais a pequena capela<sup>8</sup> ao lado da Catedral da Sé, e as torres da igreja de São Pedro, que estavam inacabadas no momento da foto, foram posteriormente concluídas.

Em uma litografia produzida entre os anos de 1846 e 1847 por Lith. Ludwig & Briggs, observa-se um panorama geral em que a capela de São Gonçalo já não está mais presente na paisagem. A ausência da capela de São Gonçalo neste registro iconográfico indica o seu desaparecimento total.

<sup>7</sup> Figuras superiores: J. Martins Braga, 1824. Adaptado pelo autor.

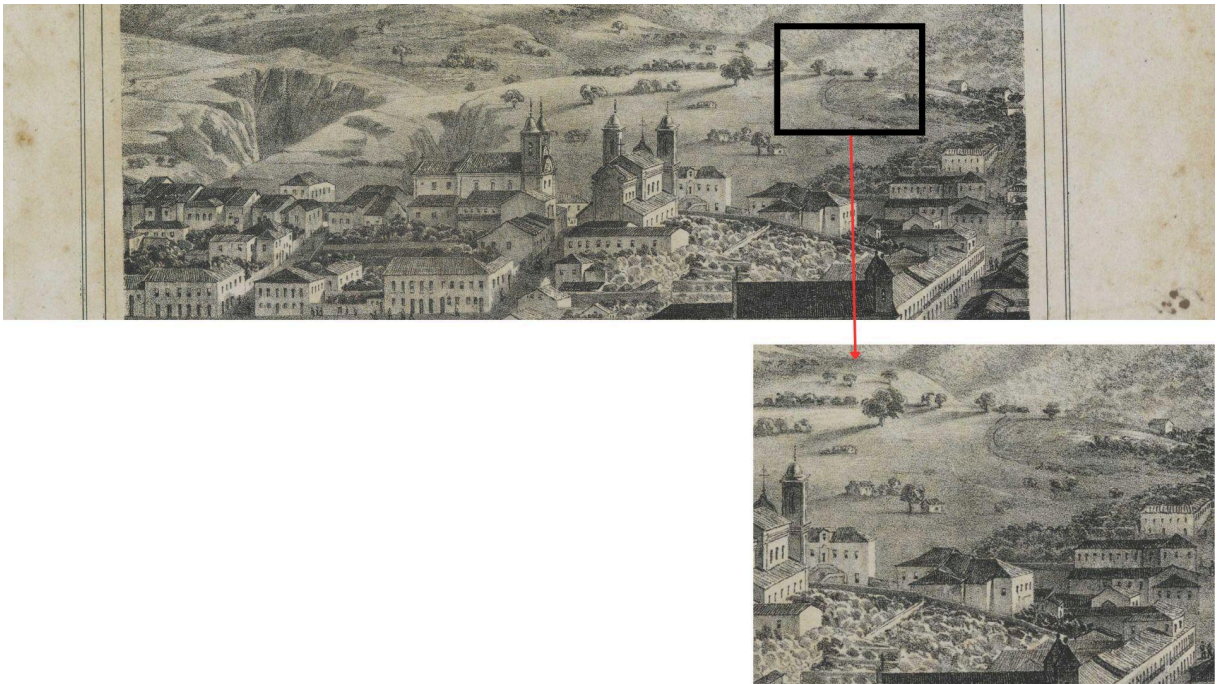
Figuras inferiores da esquerda para a direita: Catedral da Sé de Mariana em 1894, reprodução facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/groups/arianadofundodobau/permalink/527593637402042>>. Acesso em 06/02/2026.

Ruínas da Igreja de São Pedro de Mariana (MG) s/d. Arquivo Público Mineiro.

Vista das igrejas de São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Carmo. Do Autor, 2024.

<sup>8</sup> A pequena capela, dedicada ao Senhor dos Passos, foi demolida durante o episcopado de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, por volta da década de 1925-1930.

Figura 5: Recorte da gravura de 1846-1847 mostrando onde a capela deveria se localizar.

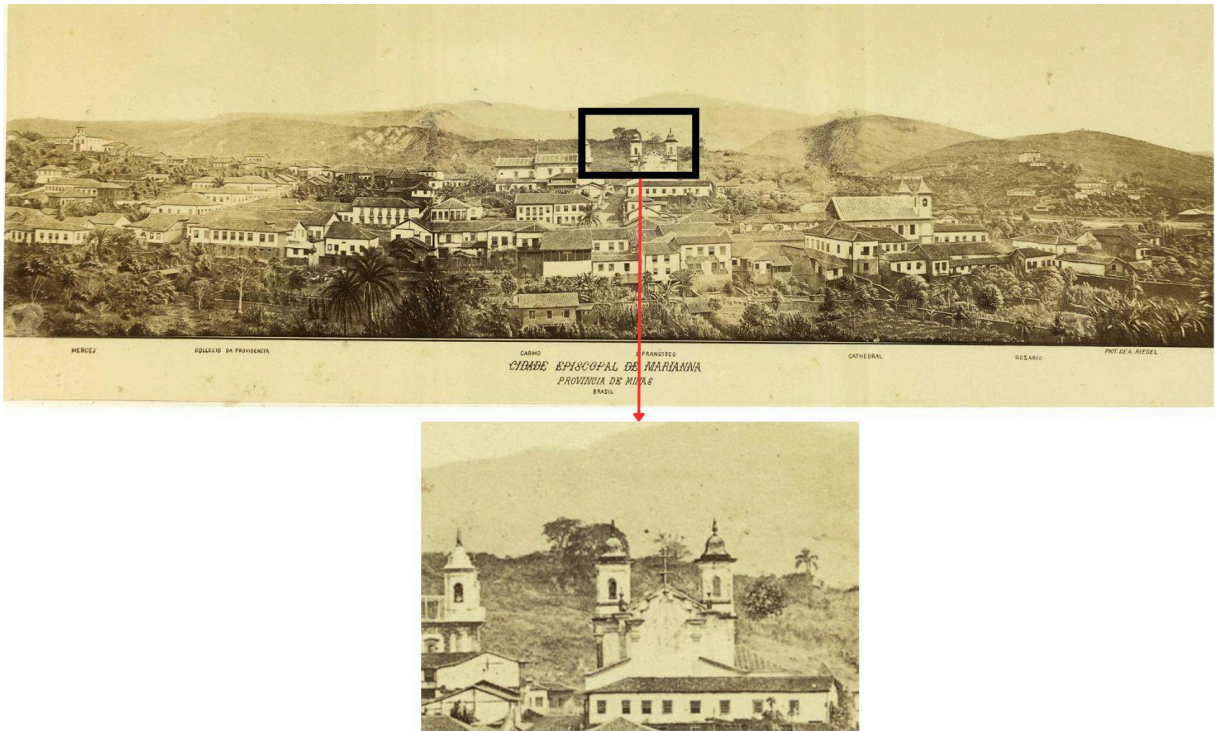


Fonte: CIDADE de Mariana. Rio de Janeiro, RJ: Lith. Ludwig e Briggs, [1846-1847?], adaptado pelo autor.

A ausência da capela de São Gonçalo também se confirma no primeiro registro fotográfico da cidade de Mariana, na segunda metade do século XIX. Em 1868, Augusto Riedel em sua obra *Viagem de S.S.A.A. Reaes Duque de Saxe e seu Augusto Irmão D. Luis Philippe ao Interior do Brasil no Anno 1868*, percorreu diversos estados e cidades do Brasil, fazendo registros fotográficos desses locais, inclusive da cidade de Mariana. O registro, intitulado de *Cidade Episcopal de Marianna - Província de Minas* (figura 6) ocorreu no ano 1868 em um panorama abrangente da cidade.

Nesse registro, não se identifica a presença da capela de São Gonçalo, reforçando a ausência do edifício em meados do século XIX. Num recorte ampliado da imagem, é evidenciado a área onde a capela deveria se localizar caso ainda estivesse de pé. As análises iconográficas e fotográficas posteriores, permitem afirmar que a hipótese do primeiro desaparecimento da capela de São Gonçalo foi um fato e que ocorreu em meados do século XIX. Dessa forma, diante da falta de acervo documental, as fontes iconográficas se tornam fundamentais para a compreensão do período do primeiro arruinamento da capela de São Gonçalo.

Figura 6: Cidade Episcopal de Marianna - Província de Minas, 1868.



Fonte: RIEDEL, Augusto. **Cidade episcopal de Marianna**. Minas Gerais: [s.n.], [1868-1869], adaptado pelo autor.

#### 2.4 Reaparecimento da capela e sua nova estrutura no início do século XX;

Registros fotográficos do início do século XX voltam a evidenciar a presença da capela de São Gonçalo na paisagem histórica de Mariana, entretanto, com um novo traço arquitetônico, diferente do registrado por J. Martins Braga em 1824. Nessa nova fase, a capela apresenta um frontispício mais simplificado, com o frontão triangular, ainda com duas janelas ou sacadas, um óculo e uma torre sineira isolada do corpo principal da edificação, implantada externamente.

Embora a fotografia não apresente uma datação precisa, alguns elementos presentes na imagem permitem estabelecer um recorte temporal aproximado. Dentre esses elementos, destacam-se as obras de conclusão das torres da igreja de São Pedro dos Clérigos, iniciadas em junho de 1920 e que estavam em andamento no momento do registro fotográfico.

Sabe-se que essas obras foram concluídas em 22 de janeiro de 1922, data em que foi benzida na Catedral, a imagem do Sagrado Coração de Jesus, título a que a igreja seria consagrada como basílica (Trindade, 1945). Sendo assim, é possível estabelecer que essa foto foi realizada entre os anos de 1920 e 1922.

Figura 7: Panorama da cidade de Mariana. S/d.



Fonte: VISTAS panorâmicas de Mariana.

Em um recorte ampliado da imagem (figura 8), observa-se a presença da capela de São Gonçalo já em sua nova configuração arquitetônica, distinta das representadas nas gravuras de J. Martins Braga (1824). A simplificação do frontispício, bem como a separação da torre sineira do corpo da edificação, indicam uma reconstrução que não buscou a reprodução fiel do edifício anterior mas sim uma construção adaptada para aquela nova realidade, condicionada talvez por limitações econômicas ou técnicas do período.

Figura 8: Detalhe das obras na igreja de São Pedro dos Clérigos e da capela de São Gonçalo



Fonte: VISTAS panorâmicas de Mariana. Adaptado pelo autor.

Além dos registros fotográficos, Salomão de Vasconcellos (1938) apresenta no seu livro, *Mariana e seus templos: Era Colonial*, uma imagem - aparentemente desenhada sobre a fotografia original - da capela de São Gonçalo já sob essa nova configuração arquitetônica, reforçando a existência de uma edificação construída no início do século XX. Esse reaparecimento da capela de São Gonçalo faz levantar o questionamento acerca desse

reerguimento, sobretudo no que se diz respeito à volta do culto na capela ou da recuperação simbólica para a comunidade da época.

Figura 9: A capela de São Gonçalo no século XX.



Fonte: *Marinna e seus Templos: Era Colonial*. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner, 1938. Foto do autor.

Entretanto, esse retorno da capela de São Gonçalo para seu local de origem não se perdurou por muito tempo, uma vez que, poucas décadas depois, a capela viria a desaparecer novamente e de forma definitiva, conforme será discutido no subcapítulo seguinte.

## 2.5 O Segundo abandono e ruína definitiva da capela de São Gonçalo;

Ainda no início do século XX, registros fotográficos indicam que a capela de São Gonçalo voltou a desaparecer, mas dessa vez de forma definitiva. Devido à ausência de documentação que comprove o real motivo desse novo arruinamento, levanta-se como principal hipótese a relação entre o abandono da capela e a destinação do cemitério de São Gonçalo.

A criação do cemitério de São Gonçalo, que inicialmente ocorreu por anseio da população residente da área central da cidade, assumiu posteriormente uma função específica: o sepultamento de pessoas acometidas por doenças contagiosas. Em razão da sua localização afastada do núcleo urbano central, o cemitério foi, sobretudo, destinado ao sepultamento dos “variolosos”, conforme registrado por Salomão de Vasconcellos (1938). Essa destinação acabou fazendo com que houvesse o afastamento dos fiéis e irmãos da capela de São Gonçalo, ocasionando o abandono ao culto e conseqüentemente, o novo processo de arruinamento da capela.

Sem a manutenção e desprovida da função religiosa, a capela de São Gonçalo entrou novamente num estado de ruína, vindo a desaparecer por completo na paisagem marianense.

Registros fotográficos posteriores indicam, contudo, que parte da sua estrutura ainda permaneceu de pé por algum tempo, como a torre sineira externa, conforme registrado em novas fotografias.

Figura 10: Muro e torre sineira da antiga capela de São Gonçalo ainda de pé.



Fonte: Foto retirada do facebook<sup>9</sup>, adaptado pelo autor.

Com o passar dos anos, a torre também veio a desaparecer, restando atualmente apenas o muro e a escadaria de cantaria que davam acesso à capela de São Gonçalo e posteriormente ao cemitério. Apesar da capela não existir mais, o cemitério continua cumprindo sua missão como campo santo ainda nos dias de hoje. Cabe destacar a presença de uma estrutura metálica implantada na entrada principal do cemitério, no qual remete à volumetria da capela apresentada na gravura de J. Martins Braga (1824). Tal intervenção tem como efeito uma tentativa de recordação da memória do edifício desaparecido, reafirmando sua importância histórica, ainda que de forma alusiva, na paisagem de Mariana.

Dentro desse contexto, a recordação desse bem desaparecido pode também ser feito por meio de novas tecnologias de modelagem tridimensional, com fundamento teórico em documentos existentes e também, análises de fontes iconográficas, que ajudam a compreender o edifício como um todo.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1394941777272934&set=gm.947471708747564>. Acesso em 15/01/2026.

Figura 11: Muro e escadaria do cemitério de São Gonçalo.



Fonte: Do autor, 2022.

## 2.6 O São Gonçalo nos dias atuais

Com discorrido anteriormente, o nome de São Gonçalo permanece até hoje como o oficial do bairro. No cemitério, além dos túmulos, percebe-se também a existência de um quadrilátero com presença de elementos de cantaria e alguns degraus, como pode ser observado na figura 12.

Figura 12: Degráus presentes no cemitério de São Gonçalo.



Fonte: Do autor, 2026.

A localização desses degraus, por estar nos fundos do cemitério, orienta de que podem ser as ruínas ainda existentes do que seria o perímetro do presbitério da capela de São Gonçalo, pois sabemos que a capela “[...] fica no centro do quadro, tendo, à sua frente, o portão ornado de uma escada de cantaria em perfeito estado.” (Gonçalves *et al.*, 1998, p.167).

Além desse possível espaço do presbitério, o cemitério conservou, no seu acesso frontal, a bela escada de cantaria e também um portão de ferro fundido.

A poucos metros do cemitério, seguindo a rua de São Gonçalo, encontramos uma pequena capela, também dedicada a São Gonçalo, que foi construída por volta de 1994 através da Prefeitura Municipal de Mariana. No interior dessa pequena nova capela, podemos verificar a presença de uma imagem dedicada a São Gonçalo, feita de madeira talhada. Essa imagem, segundo relato passado por gerações aos moradores locais, é um remanescente da capela de São Gonçalo, mas não há, até o momento, registros oficiais que comprovem isso.

Figura 13: Imagem de São Gonçalo.



Fonte: Do autor, 2023.

Além da imagem de São Gonçalo, no interior do templo, na sua sacristia, encontra-se uma gravura retratando a capela de São Gonçalo conforme o desenhado por Braga, em 1824. O quadro emoldurado, que na verdade é uma cópia impressa da obra original, apresenta a capela com uma torre lateral, e vãos de arco abatido no frontão e acesso lateral. Infelizmente, o quadro não apresenta nenhuma informação sobre a obra original, tão pouco de onde surgiu a referência para a execução da capela ou o seu executor.

Figura 14: A capela de São Gonçalo



Fonte: Foto do autor, 2023.

## **CAPÍTULO 03 - MODELAGEM TRIDIMENSIONAL DO QUE PODE TER SIDO A CAPELA DE SÃO GONÇALO**

A valorização e estudo do patrimônio cultural não se limitam apenas aos bens existentes e edificados, envolvendo também a análise de documentos e interpretação de bens que, por variados processos históricos, deixaram de existir fisicamente, mas ainda permanecem na memória coletiva de uma comunidade.

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o processo de elaboração da execução do modelo tridimensional hipotético da capela de São Gonçalo, hoje desaparecida da paisagem Marianense. A modelagem se fundamenta na articulação entre as fontes iconográficas disponíveis, documentação, levantamento *in loco*, além da análise comparativa com templos da região do município que se assemelham morfológicamente com a capela.

O modelo digital, que não se configura como uma reconstrução fidedigna do edifício desaparecido, mas sim como uma hipótese interpretativa, se sustenta em critérios metodológicos abordados na Carta de Londres (2006) e também no Artigo N° 1 da Carta de Veneza (1964), que orienta sobre a representação gráfica computadorizada e o tratamento de remanescentes históricos, respectivamente.

O capítulo apresenta, inicialmente, fundamentação teórica, seguido por análises iconográficas e documentais. Posteriormente, é abordado o método de execução e o processo de modelagem tridimensional referente às configurações morfológicas identificadas no século XIX e XX.

### **3.1 Fundamentação Teórica**

A Carta de Veneza (ICOMOS, 1964), no seu primeiro artigo, estabelece que não apenas os grandes centros devem ser preservados, mas também “[...] às obras modestas do passado que adquiriram, com a passagem do tempo, um significado cultural.” que vão se manifestar através de vestígios ou registros históricos diretos ou indiretos. Segundo Viñas “[...] cada sistema de símbolos reflete uma lógica cultural específica e cada símbolo funciona comunicando informação entre os componentes dessa cultura[...]” (Viñas, 2021, p.56), reforçando a ideia de se entender esses bens como portadores de significados que transcendem gerações. Além disso, Françoise Choay em *A alegoria do patrimônio* (2001), discorre que a ausência física e material de um bem cultural não implica a perda de seu valor simbólico, sendo importante o desenvolvimento de estratégias que permitam a sua permanência e comunicação com o passar das gerações.

Nesse contexto, a Carta de Londres (LONDON CHARTER, 2009) define métodos para a produção de visualizações computadorizadas do patrimônio cultural, estabelecendo princípios de rigor científico para as reconstruções virtuais, ressaltando a importância da documentação como base para a formulação de hipóteses de reconstrução tridimensional. A reconstrução virtual deve ser elaborada de modo a distinguir claramente a hipótese interpretativa da realidade de um bem cultural (Cavalcanti, 2019). Dessa forma, torna-se imprescindível o embasamento em dados consistentes para a execução dos modelos digitais, seja por meio de fontes iconográficas, levantamentos *in loco*, mapas ou pinturas. Conforme destaca Cavalcanti (2019, p. 100), “quanto maior for a quantidade de fontes confiáveis disponíveis, maiores serão o rigor científico e a transparência intelectual e, sendo assim, melhor será o julgamento em relação à autenticidade do bem virtualizado”.

No caso da reconstrução digital de ruínas, quando ao menos parte da edificação ainda existir, é possível estabelecer referências de escala a partir de fotografias históricas, calculadas com base em pontos medidos posteriormente no próprio objeto (Hemmler, 1999, *apud* Cavalcanti, 2019, p. 100). No caso da capela de São Gonçalo, embora não haja registros dimensionais precisos da edificação, existem fontes iconográficas que possibilitam a definição de uma escala gráfica aproximada do objeto.

Diante da inexistência física da capela de São Gonçalo, a elaboração de modelo digital de reconstrução tridimensional insere-se na perspectiva de compreender como poderia ter sido esse bem desaparecido numa organização espacial e de como ele poderia estar inserido num recorte histórico, por exemplo.

Considerando a ausência de registros dimensionais da capela, a metodologia aplicada baseia-se nas dimensões da entrada do cemitério que ainda existe, que servirá de referência para a execução do modelo digital. A execução, que não busca a reprodução exata da capela, mas sim a representação do que ela pode ter sido nos recortes temporais discutidos nos capítulos anteriores, é feita por meio do levantamento *in loco*, onde se retiram as medidas necessárias para a execução de um projeto, escala gráfica sobre as imagens disponíveis e as medidas levantadas, análise documental, que permite dar sustentação a um dos modelos criados em forma tridimensional. Sendo assim, a escolha dessa referência justifica-se pelo fato de a entrada do cemitério configurar-se como um elemento consolidado, que não sofreu alterações significativas em sua estrutura, por estar inserido no perímetro de proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O modelo digital assume, portanto, o papel de instrumento de análise, interpretação e comunicação de um patrimônio cultural que já existiu.

Além disso, as imagens apresentadas neste trabalho foram geradas com auxílio de inteligência artificial (ChatGPT – OpenAI), a partir de modelos tridimensionais autorais com parâmetros definidos conforme discorrido a seguir.

### 3.2 A Morfologia da capela de São Gonçalo

A morfologia da capela de São Gonçalo pode ser parcialmente identificada por meio das fontes iconográficas existentes, como a gravura de J. Martins Braga, de 1824, e os registros fotográficos do início do século XX. Essas imagens permitem compreender, de certa forma, os aspectos gerais do edifício e suas transformações ao longo do tempo.

Entretanto, os registros visuais apresentam limitações no que se refere à identificação de elementos morfológicos específicos. A gravura de 1824 carece de detalhamento suficiente para a especificação e tipologia dos tipos de vãos, como portas, possíveis janelas ou sacadas, enquanto as fotografias do início do século XX, por se tratarem de imagens panorâmicas, não permitem ampliação suficiente para uma leitura precisa desses elementos arquitetônicos. Dessa forma, os aspectos fundamentais da configuração arquitetônica da capela permanecem indefinidos quando analisados exclusivamente a partir das fontes iconográficas.

Essa alteração morfológica, caracterizada por uma torre sineira externa em relação ao edifício principal, ocorre em outras edificações religiosas situadas nos distritos de Mariana. A igreja matriz de Nossa Senhora da Glória do distrito de Passagem de Mariana, erguida no século XVIII, e a capela de Nossa Senhora do Carmo, no distrito de Furquim, apresentam soluções semelhantes, nas quais a torre sineira se encontra deslocada em relação ao corpo da igreja.

Figura 15: Matriz de Nossa Senhora da Glória de Passagem, e a capela do Carmo, de Furquim.



Fonte: Do autor, 2026.

No município de Ouro Preto, vizinho a Mariana, também são identificados três exemplos de capelas que possuem torres externas ao corpo principal da edificação, como a capela de Nossa Senhora do Rosário do Padre Faria, a capela de Santana do Morro e a capela de São Sebastião. Essas edificações, datadas do século XVIII, apresentam características morfológicas semelhantes, integrando um repertório arquitetônico recorrente.

Figura 16: Capelas do Padre Faria, Santana do Morro e São Sebastião, respectivamente.



Fonte: Do autor, 2026.

Conforme observados nos exemplos citados, o edifício religioso se encontra ao centro do adro e a torre sineira externa, se encontra ligeiramente à frente da edificação, com exceção da capela de Nossa Senhora do Carmo de Furquim, que se encontra alinhada ao edifício.

### 3.3 Fontes Documentais.

Diante dessas lacunas que as fontes iconográficas não conseguem responder, torna-se necessário recorrer a fontes documentais descritivas, capazes de complementar as informações. Nesse contexto, os documentos transcritos no livro *Anuário do Museu da Inconfidência - Ano III (1954)* assumem um papel central para a compreensão da morfologia arquitetônica da capela de São Gonçalo, uma vez que registram as obras que foram realizadas no edifício em 1750. Esses registros oferecem informações relevantes sobre as intervenções construtivas realizadas na capela, constituindo uma base documental para a interpretação dos elementos que não puderam ser interpretados através das imagens.

Os documentos descritos no livro, em um português do século XVIII, permitem identificar com relativa clareza os materiais que foram empregados, o formato dos vãos de portas e janelas, o número de janelas a serem acrescentadas, bem como acabamentos para o forro e o coro da capela. Nesse sentido, as referências às obras realizadas na capela de São Gonçalo apresentam descrições detalhadas acerca dos elementos construtivos e decorativos do edifício. A seguir, transcreve-se trechos do documento referente às obras realizadas no século XVIII, respeitando-se sua grafia original, por se tratar de uma fonte histórica.

### 1.<sup>a</sup> ADIÇÃO

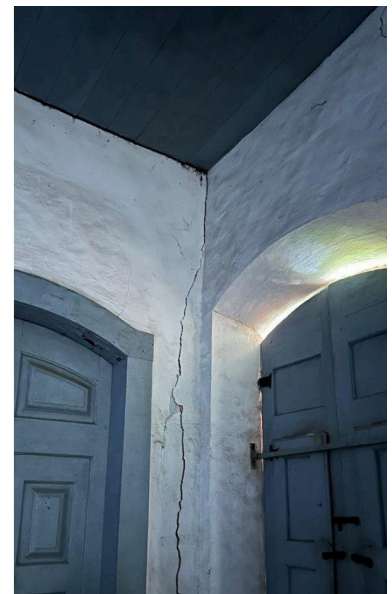
Prmamente sehade forrar acapella por Sima com taboado LizoCom a baixo d, se Sedo andr Cobutoo vontade de mais ebra que de que puder acomodar, será guarnecida com Sua Semalha Resaltiada nos prumos dos Pillares e nos diretos das Cadeyas dos Arcos feito e acabado com tudo o que lhe for precizo. (Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, 1954, p. 45)

### 2.<sup>a</sup> ADIÇÃO

Se hade forrar As paredes todas da D.a obra, digo da dita Cappella, Lisar, guarnecendo Com Simalha que se segur dos Altares e pedrestais na forma ditta, e fazendo os arcos No direyto das portas travessas, e debayxo do Coro na mesma forma, No guarnecimento dos das Cappelas que em sy ja se Sabe, e em sy hão de ser abatidos na melhor forma que puder Acomodar, dous pulpitos ..... com seus pilares refendidos m.to bem feitos Combacia e lupella na mesma forma, por sima dacapella do pulpito seha de fazer hum Oculode cada banda obrado guarnecido por dentro e por fora metido nas duas paredes. (Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, 1954, p. 45)

Após a análise das primeiras e segundas adições, é possível identificar o tratamento conferido a capela de São Gonçalo, especialmente no que se refere ao taboado do forro, a inserção das cimalthas nos pilares e à definição dos vãos, que seriam do tipo arco abatido, presença dos púlpitos e óculos.

Figura 17: Exemplos em sequência: forro com taboado liso, cimalha nos pilares da torre e vão em arco abatido.



Fonte: Do autor, 2026<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Todas as imagens são da igreja de Nossa Senhora Rainha dos Anjos e Arquiconfraria de São Francisco dos Cordões, da cidade de Mariana/MG.

### 3.<sup>a</sup> ADIÇÃO

Ha de ceforrar coro em Sima Lizo com sua guarnição em Roda e os Corredores na mesma forma seha de tapar os corredores com duas portas •••• forro por baixo do coro Lizo Com Sua guarnição em Roda os Corredores na mesma forma e entrada das portas travessas seha de fazer hua ..... debaixo do Coro Com huá porta A imitação daque Sehcha da Outra ba da, e nos ditos corredores debaixo Selhe hão depôr duas portas.(Museu da Inconfidência, ano III, 1954, p. 45)

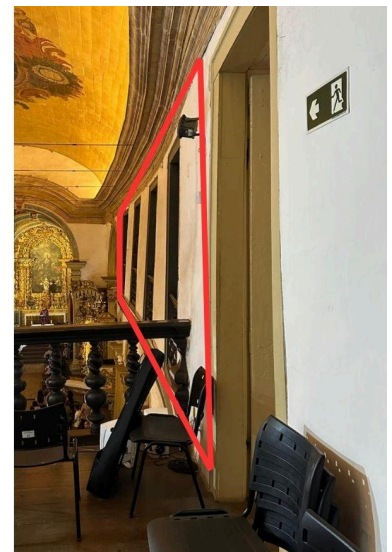
### 4.<sup>a</sup> ADIÇÃO

Seha de fazer huá porta principal e duas traveças estas hão de ser Refendi-das de Talha Liza almofadas Sobre postas Aprincipal hadelevar bandeira com dous portaes guarnecidos por dentro e por fora, declaro q. ag.de ha-delevar em Scima Seu Rematte m.to bem feito com sua Cimalha Resal-tiada, eboas ferrages, declaro q. hão delevar trancas de ferro todas tres com Sua fichaduras, Setaparão duas janellas que estão Aopê daporta prin-cipal, e trebunas q. se a achão por Sima dos Altares e estas portas hão de ser feitas deCanela preta ou dejaCarandá. vermelho. (Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, 1954, p. 45).

Na terceira e quarta adições, são apresentadas informações relevantes para a compreensão da morfologia da capela de São Gonçalo, sobretudo no que diz respeito aos seus vãos, ao descrever a existência de uma porta principal com bandeiras, almofadas, elementos de ferros, e também a existência de duas janelas localizadas “ao pé” da porta principal e das tribunas situadas acima dos altares.

Em Mariana, observa-se a presença de tribunas nas igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e na de São Pedro dos Clérigos, que estão localizadas nas capelas mor, e na Catedral da Sé, que se localiza na nave da igreja.

Figura 18: Exemplos (destacados de vermelho) de frontão com duas janelas acima da portada principal, porta com bandeira e almofadas, e tribunas.



Fonte: Do autor.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Da esquerda para a direita: capela de Nossa Senhora do Carmo do distrito de Furquim (2026), portas da igreja de Nossa Senhora do Carmo de Mariana (2024) e corredor de tribunas da Catedral da Sé de Mariana (2025).

**5.<sup>a</sup> ADIÇÃO**

Sehade forrar ASanchristia liza com Sua moldura aRoda e os Corredores Na mesma forma, declaro q, Osdebaixo eos deSima. (Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, 1954, p. 46).

**6.<sup>a</sup> ADIÇÃO**

Sehão de fazer oito janelas p.a Acaza do Consistorio na forma das que se achão feitas na Sanchristia com portais guarnecidos por dentro e por fora e Seguarnecerão tãobem os das Janellas debaixo, de duas portas que En-trão para ASanchristia, e de quatro janellas do Coro tudo isto feito e acabado com boas madeyras conhecidas por madeyras de ley Livres de bran-co, e tudo muyto bem pregado, boa ferragem e todaAmais prefeição desta Obra fique na despozição do ARematante d'ella. (Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, 1954, p. 46).

**7.<sup>a</sup> ADIÇÃO**

Farseha o forro daCaza consistorio de armação com sua Cimalha correndo tudo na melhor forma q, puder ser, ecom boas madeiras sem branco, e de Ley cortadas na Lua. (Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, 1954, p. 46).

Já na quinta, sexta e sétima adições, observa-se a menção à quantidade de janelas a serem executadas no consistório e na sacristia da capela, bem como a descrição do forro do consistório com cimalthas correndo ao longo do perímetro. O consistório era um espaço destinado a reuniões dos membros da irmandade e em Mariana, temos exemplos de consistório nas igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, São Pedro dos Clérigos e na Catedral da Sé.

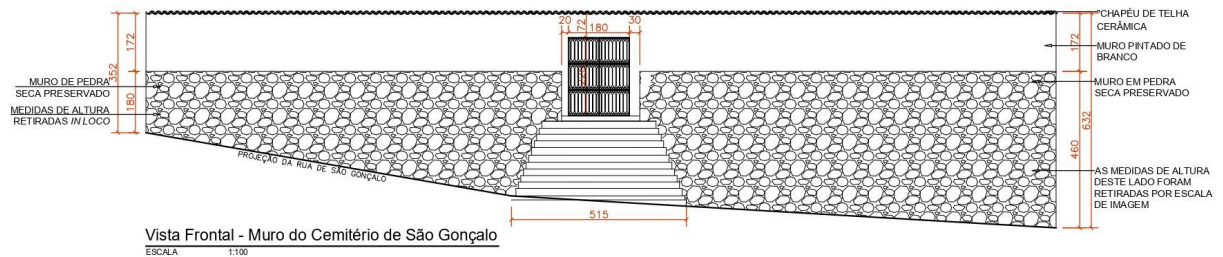
A partir das informações textuais e iconográficas, foi possível estabelecer critérios para a elaboração do modelo tridimensional da capela. O modelo desenvolvido neste trabalho não busca a reprodução exata do edifício, mas sim uma representação interpretativa e fundamentada na documentação histórica, que foram capazes de traduzir os elementos morfológicos identificados. Dessa forma, a reconstrução tridimensional proposta deve ser compreendida como uma hipótese visual do que a capela de São Gonçalo poderia ter sido, a partir da convergência de diferentes fontes.

**3.4 Levantamento métrico**

O levantamento das medidas necessárias para a execução do modelo tridimensional foi realizado *in loco* no dia 11 de janeiro de 2026, de maneira simplificada, com o uso de uma trena a laser. Na ocasião, foi possível aferir as medidas do muro frontal do cemitério de São Gonçalo em sua parte interna, bem como do portal de acesso e de sua escadaria. A altura do muro de pedra seca, que configura-se como a parte mais antiga, foi medida apenas em seu lado esquerdo, em razão da impossibilidade de acesso ao lado direito, que apresenta desnível acentuado em relação à parte esquerda.

A justificativa do levantamento *in loco* parte, portanto, da necessidade de se obter uma referência métrica que pudesse ser sobreposta às fontes iconográficas existentes, permitindo a elaboração de um modelo tridimensional coerente com a volumetria que o edifício possivelmente ocupava em seu local de assentamento. Com isso, a escolha do portal de entrada do cemitério como base principal para a escala gráfica fundamenta-se na sua permanência ao longo do tempo por se tratar de um elemento consolidado e inserido no perímetro de proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), apresentando menor probabilidade de alterações significativas em suas porções originais. Ainda assim, reconhece-se a existência de margens de imprecisão métricas.

Figura 19: Levantamento de medidas

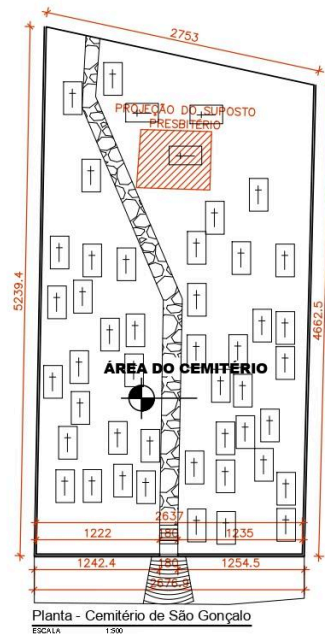


Fonte: Do autor.

Além da fachada do muro existente, a execução de uma planta baixa do perímetro do cemitério mostrou-se também necessária, uma vez que a capela de São Gonçalo se localizava ao centro do espaço, conforme discorrido anteriormente. A execução dessa planta possibilitou uma locação aproximada da edificação em relação ao conjunto, bem como a identificação do possível espaço que se localizava o presbitério, ainda existente no interior do cemitério.

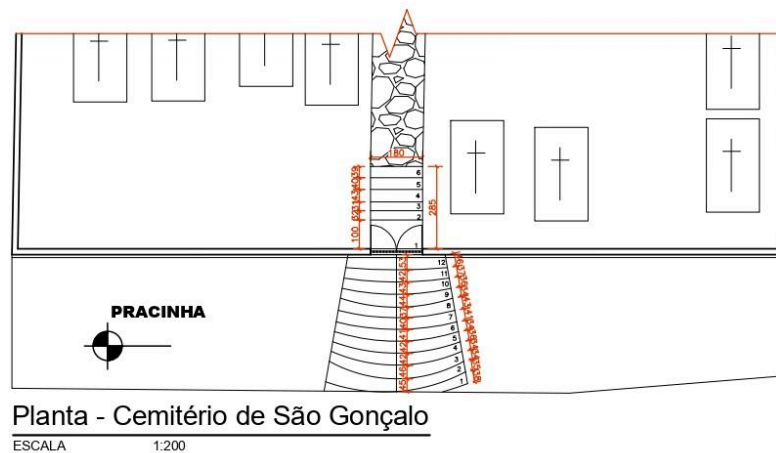
Devido a inviabilidade de um levantamento completo, foi utilizado como apoio o *Google Earth* como ferramenta, a partir das imagens de satélites e medidas métricas disponibilizadas pela plataforma. Esse recurso permitiu uma aproximação das dimensões e do posicionamento do conjunto, embora não substitua medições diretas, que devem ser feitas através de levantamento topográfico.

Figura 20: Planta do cemitério de São Gonçalo.



Fonte: Do autor.

Figura 21: Recorte da planta do cemitério de São Gonçalo.



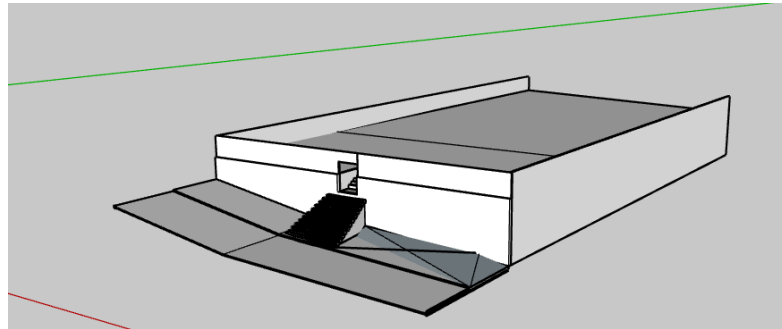
Fonte: Do autor.

Conforme levantado, o portal da entrada do cemitério de São Gonçalo possui 1,80 m de largura, sendo essa medida a base principal para a escala gráfica e execução do modelo tridimensional da capela. Considerando as transformações morfológicas sofridas pelo edifício ao longo do tempo, sendo no princípio de duas torres, depois uma torre e, já no século XX, com uma torre sineira externa ao corpo principal do edifício, a reconstrução tridimensional baseia-se na figura de J. Martins Braga (1824), onde a capela está com uma torre lateral e anexada, no quadro existente na nova capela de São Gonçalo e nas fontes iconográficas do século XX, onde a capela se altera morfológicamente, passando a ter uma torre externa.

### 3.4.1 A execução tridimensional do adro

Após a realização do levantamento in loco, como sequência, foi realizada a modelagem tridimensional do espaço delimitado do atual cemitério, através do software *Sketchup*. Com as medidas levantadas e projetadas no *AutoCAD*, inseriu-se o levantamento no *Sketchup*, fazendo o levantamento volumétrico dos elementos, conforme a figura 22.

Figura 22: Adro do cemitério já executado.



Fonte: Do autor.

### 3.5 Execução dos modelos tridimensionais

A execução do modelo tridimensional da capela de São Gonçalo referente à sua morfologia no século XX baseou-se na utilização de fontes fotográficas, associadas às referências métricas obtidas através do levantamento *in loco* do muro frontal do cemitério. Inicialmente, a fotografia do século XX em que se é identificada a capela foi inserida no software *AutoCAD*, onde passou a ser utilizada como base para a definição da escala gráfica. A imagem foi sobreposta ao levantamento do muro frontal, possibilitando traçar linhas ao redor da edificação. Esse procedimento permitiu a construção de uma volumetria aproximada do edifício, a partir de uma leitura da imagem.

Durante esse processo, conforme observado na figura 23, a fachada frontal projetada não está em uma angulação perfeitamente ortogonal em relação ao plano da imagem, sendo necessário a adaptação do levantamento à imagem. Para isso, foram realizados a rotação e alinhamento do desenho, a modo de se estabelecer uma leitura coerente.

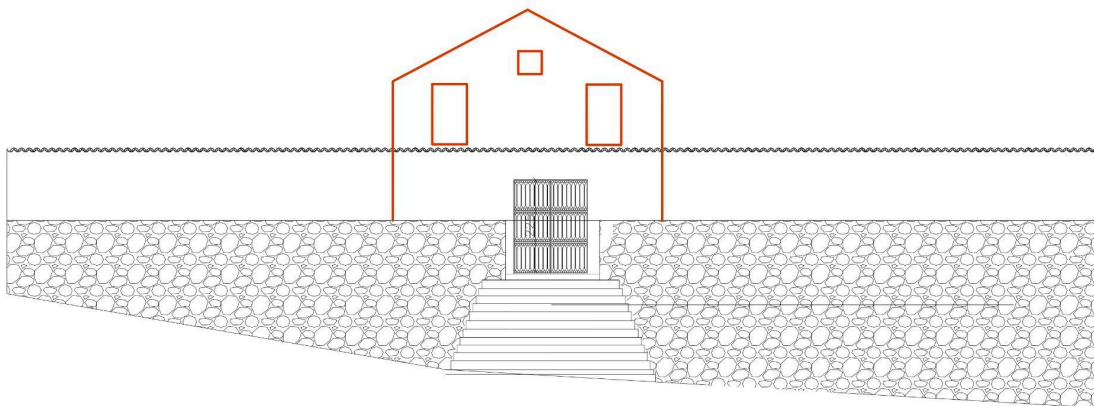
Figura 23: Método de sobreposição do levantamento e imagem.



Fonte: Do autor.

A partir da sobreposição e ajuste proporcional, foram traçados contornos sobre a projeção da edificação, permitindo a definição de uma feição inicial compatível com a imagem analisada. Essa etapa teve como intenção a compreensão das relações de altura, largura e inserção dos vãos frontais do edifício sem uma precisão absoluta, reforçando o caráter interpretativo do modelo.

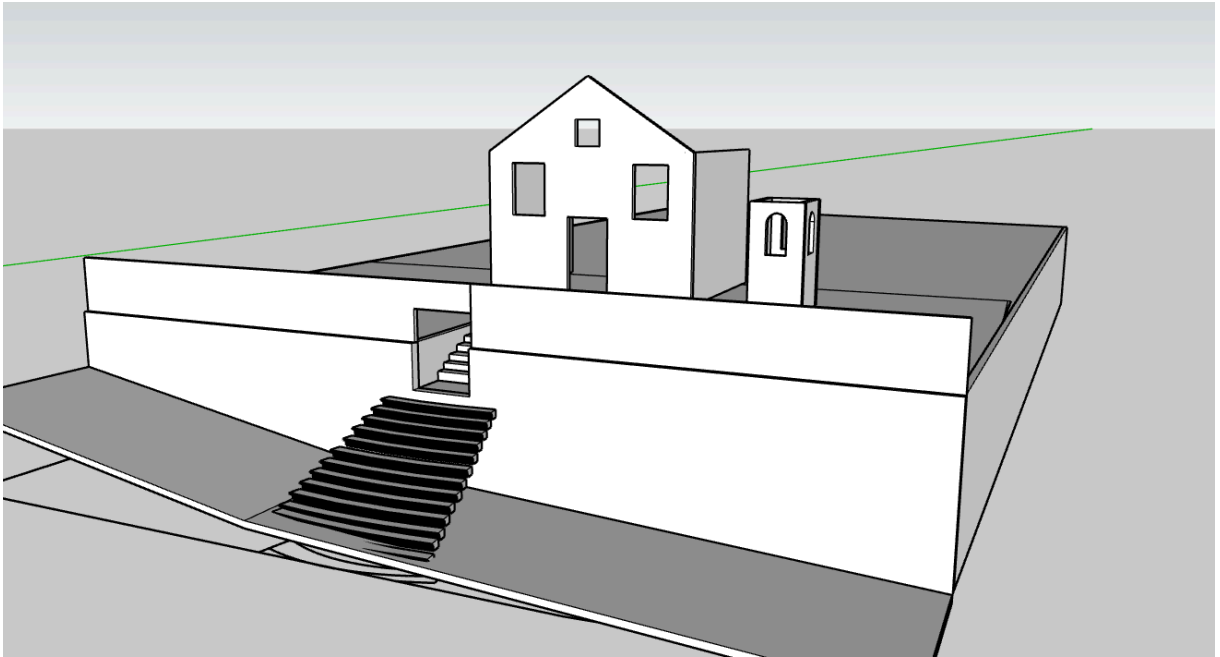
Figura 24: Resultado da etapa anterior.



Fonte: Do autor.

Com essas informações estabelecidas no ambiente bidimensional, o modelo foi posteriormente inserido no software *Sketchup*, onde se iniciou a modelagem tridimensional, conforme a figura 25.

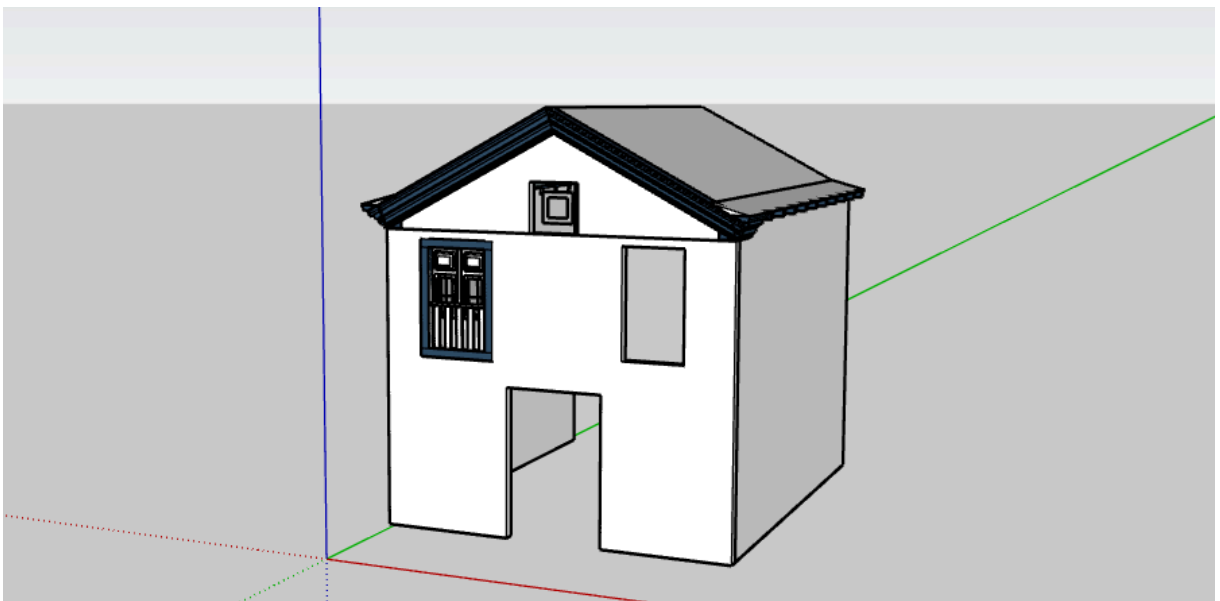
Figura 25: Volumetria levantada no software *Sketchup*.



Fonte: Do autor.

Nessa etapa, foram inseridos elementos arquitetônicos que não se encontram claramente identificáveis na fotografia, como cimalthas, cunhais, tipo da porta com almofadas, presença de postigo na sacada e acabamentos do telhado. A inclusão desses elementos baseou-se na análise das edificações religiosas da região, bem como nas informações documentais discutidas anteriormente.

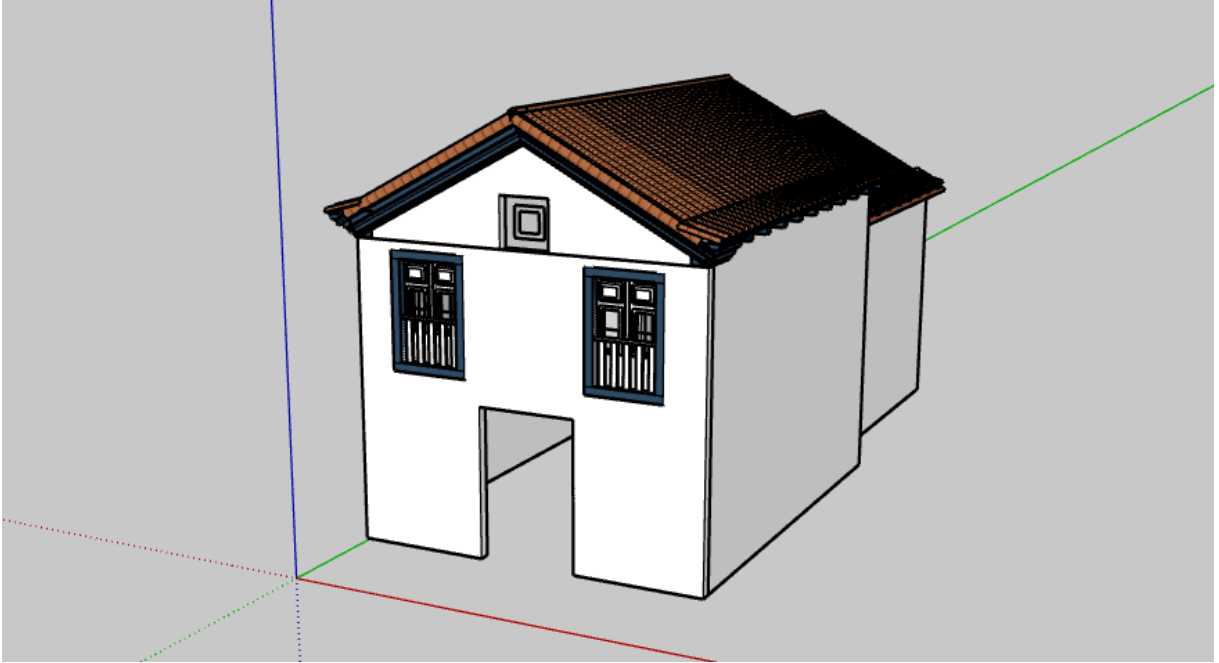
Figura 26: Modelo da capela em execução.



Fonte: Do autor.

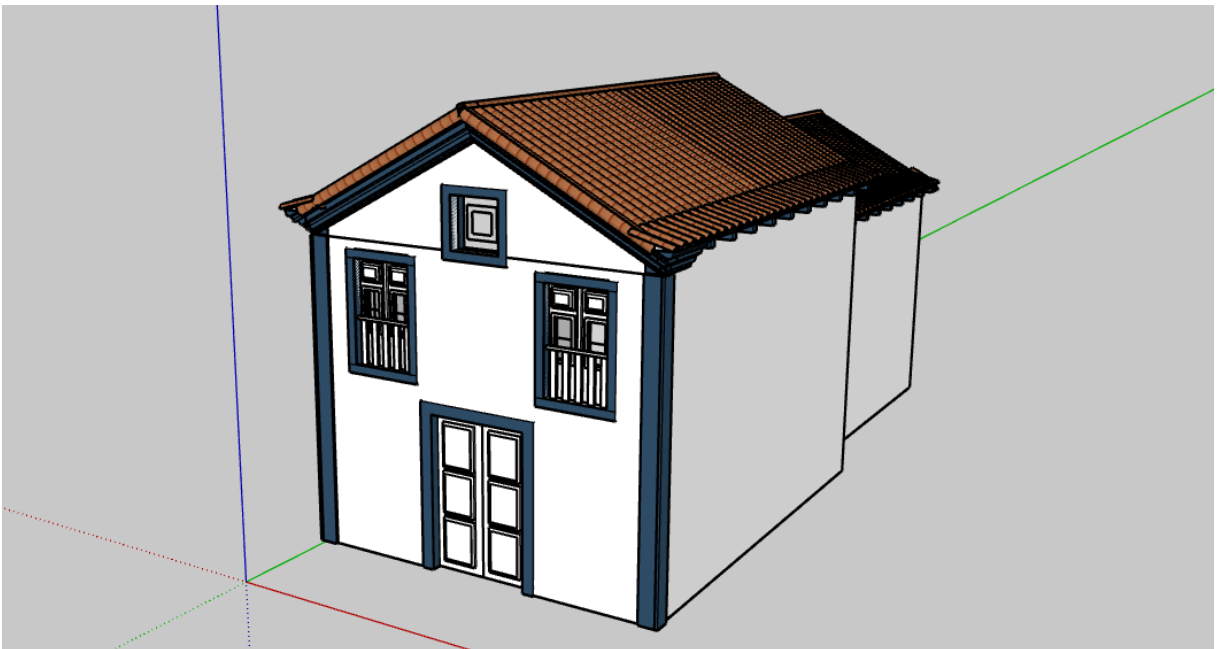
Por outro lado, optou-se por não inserir determinados elementos dos quais não foram registrados, como a abertura de vãos nas laterais da capela.

Figura 27: Modelo da capela em execução.



Fonte: Do autor.

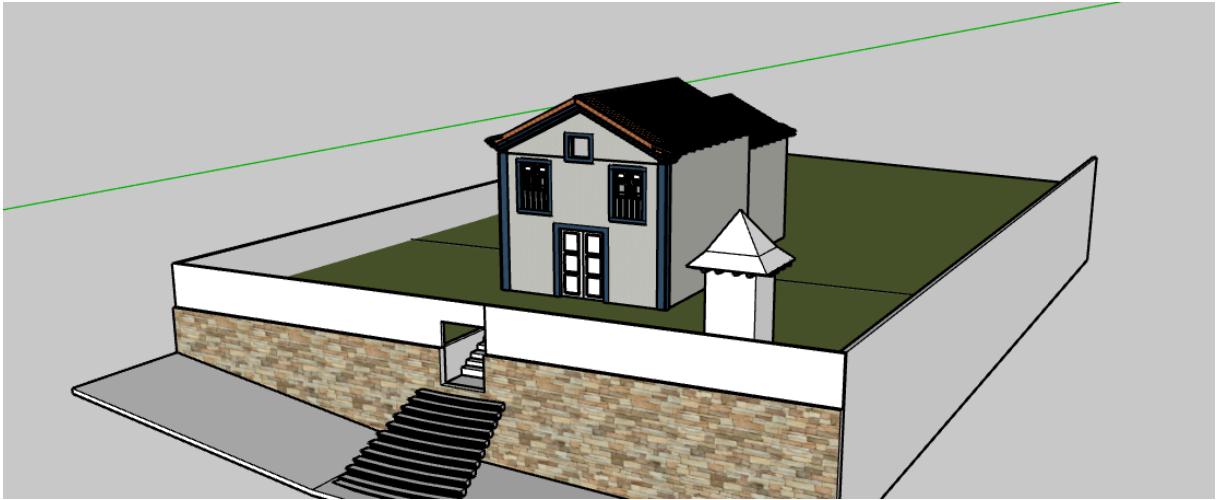
Figura 28: Modelo da capela finalizado.



Fonte: Do Autor.

Após a finalização do modelo da capela, foi realizada a modelagem da torre sineira externa ao corpo do edifício. O método de execução se baseou da mesma forma conforme discutido anteriormente.

Figura 29: Modelo da capela já no adro.



Fonte: Do autor.

Figura 30: Modelo tridimensional finalizado.



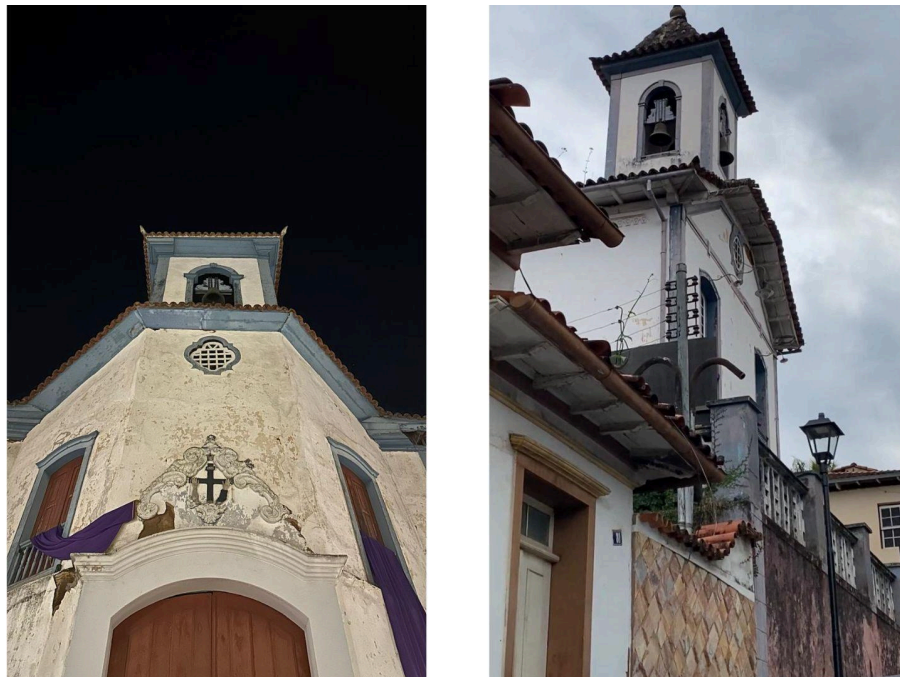
Fonte: Do autor.

### 3.6 A capela de São Gonçalo no século XIX

Como discutido anteriormente, há dois registros iconográficos que apresentam a antiga capela de São Gonçalo no século XIX com uma torre lateral e anexa ao corpo principal da edificação. O primeiro, corresponde à gravura de J. Martins Braga, datada de 1824, e o segundo, a gravura que existe na atual capela de São Gonçalo. Ambas as imagens indicam uma configuração morfológica semelhante.

Do ponto de vista morfológico, a presença desse tipo de edificação, com apenas uma torre lateral, não ocorre na cidade de Mariana. As igrejas de maior porte, como a Catedral da Sé e a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, apresentam uma composição simétrica com duas torres, enquanto as igrejas menores, como a igreja de Nossa Senhora Rainha dos Anjos e Arquiconfraria de São Francisco dos Cordões, e a igreja de Nossa Senhora das Mercês, possuem uma única torre centralizada no frontão principal.

Figura 31: Igreja de Nossa Senhora Rainha dos Anjos e das Mercês, respectivamente.



Fonte: Do autor, 2023.

### ***3.6.1 Método de Execução da capela segundo as gravuras do século XIX***

A execução do modelo tridimensional da capela de São Gonçalo referente à sua morfologia no século XIX baseou-se no modelo anteriormente descrito. Como já havia um modelo pronto, ele foi adaptado de forma que se pudesse executar um modelo tridimensional com a presença de uma torre lateral e anexa, conforme registrado por J. Martins Braga (1824) e também na imagem presente na capela nova de São Gonçalo.

Figura 32: Método de sobreposição da gravura de 1824.



Fonte: Do autor.

O desenho traçado por cima da gravura de 1824, apresentou um modelo distinto do comum, no qual a torre lateral está interrompendo o frontão da fachada (figura 34), algo que não é característico quando analisado os templos da região, já que as torres começam logo após o término do frontão.

Considerando a hipótese de que houve um possível erro de representação na gravura de 1824, um modelo proporcional conforme o observado na região seria justamente o que a torre se iniciaria após o término do frontão, e a possível coluna ou cunhal que também aparece na sobreposição das linhas, fosse modificada para que também houvesse a inserção de outra torre, já que, conforme discutido anteriormente, a capela de São Gonçalo teve, em algum período, duas torres, segundo Vasconcellos (1938). Desse modo, a figura 33 exemplifica de uma maneira simplificada de como seria a capela seguindo essa hipótese.

Figura 33: Modelos hipotéticos proporcionais



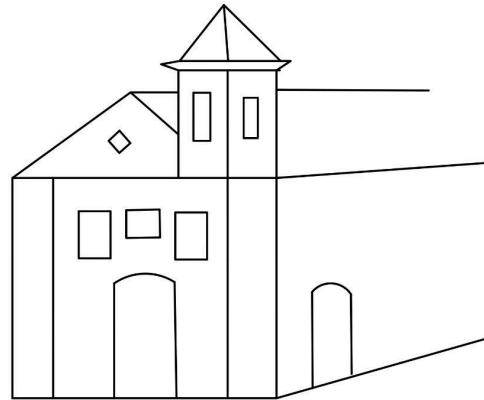
Modelos hipotéticos proporcionais

SEM ESCALA

Fonte: Do autor.

Ademais, optou-se por não modificar a torre conforme o tradicional observado nos templos existentes, afirmando, desse modo, o modelo tridimensional apenas como hipotético e executado com base exclusivamente na gravura de 1824.

Figura 34: Modelo da capela segundo a gravura de 1824.



Capela de São Gonçalo segundo a gravura de 1824  
SEM ESCALA

Fonte: Do autor.

Dessa forma, o primeiro modelo tridimensional foi transformado em bidimensional para que assim pudesse ser inserido as novas configurações, como os arcos abatidos descritos na documentação citada anteriormente.

Com essas informações alteradas no ambiente bidimensional, o modelo foi novamente inserido no software *Sketchup*, onde se iniciou a reformulação da modelagem tridimensional, aproveitando a existente, conforme a figura 35.

Figura 35: Modelagem tridimensional sobre a gravura de 1824.



Fonte: Do autor.

Finalizando o modelo com essa morfologia, foi feita a inserção no adro projetado anteriormente, já pronto para a renderização.

Figura 36: Modelo finalizado.



Fonte: Do autor.

### 3.7 Renderização final

Com a finalização dos modelos tridimensionais das duas morfologias da capela de São Gonçalo, procedeu-se à renderização final dos modelos, com o objetivo de aprimorar a visualização volumétrica e espacial. A renderização foi realizada exclusivamente com o auxílio da ferramenta de Inteligência Artificial (ChatGPT - OpenAI). A utilização desse recurso buscou a qualificação visual das representações previamente construídas. Dessa forma, o uso da Inteligência Artificial atua exclusivamente como um instrumento de visualização aprimorada.

No que se refere à ambientação dos modelos, foi utilizado como base o quadro existente na nova capela de São Gonçalo, discutido anteriormente (figura 14). O fundo da imagem foi utilizado como referência compositiva para a renderização via IA. Assim, o cenário inserido nos modelos tridimensionais não constitui de uma criação imaginária, mas uma aproximação fundamentada com base num registro iconográfico existente.

Finalizando o capítulo, seguem abaixo as imagens renderizadas e interpretativas do que pode ter sido a capela de São Gonçalo de Mariana, em sua morfologia registrada no século XX, com uma torre externa à capela, e a morfologia registrada no século XIX, através da gravura de J. Martins Braga, em 1824.

Figura 37: A capela de São Gonçalo segundo registros do século XX.



Fonte: OPENAI. *ChatGPT*, modelo GPT-4 com DALL·E (geração de imagem por prompt textual). 2026.  
Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 24 fev. 2026.

Figura 38: A capela de São Gonçalo segundo registros do século XIX.



Fonte: OPENAI. *ChatGPT*, modelo GPT-4 com DALL·E (geração de imagem por prompt textual). 2026.  
Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 24 fev. 2026.

Figura 39: Comparativo com a fonte iconográfica do século XX



Fonte: Figura 01: Acervo Márcio Eustáquio de Souza<sup>12</sup>Figura 02: OPENAI. *ChatGPT*, modelo GPT-4 com DALL·E (geração de imagem por prompt textual). 2026.

Figura 40: Comparativo com a fonte iconográfica do século XIX



Fonte: Figura 01: J. Martins Braga, 1824; Figura 02: OPENAI. *ChatGPT*, modelo GPT-4 com DALL·E (geração de imagem por prompt textual). 2026.

<sup>12</sup> Disponível no livro *Casa de Câmara e Cadeia de Mariana: A recuperação de um patrimônio nacional* (2012), p.100.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo evidenciar a relevância histórica, simbólica e patrimonial dos pequenos templos religiosos, uma vez que pesquisadores no passado prezavam o critério de excepcionalidade, encontrado, na maioria das vezes, nas grandes igrejas e matrizes, no caso das cidades históricas de Minas Gerais. Ao pesquisar sobre um templo específico e de uma localidade também específica, buscou-se contribuir para a permanência da memória, tanto patrimonial quanto simbólica de uma comunidade, reforçando a ideia de se entender esses bens como portadores de significados que transpassam gerações.

A pesquisa e valorização de um bem cultural comunitário, em específico o inserido no bairro São Gonçalo, atribuí ainda mais valor a um local que é historicamente tratado como marginalizado, fazendo com que os remanescentes históricos do bairro sejam reconhecidos, preservados e valorizados por não somente os órgãos de proteção patrimoniais, mas principalmente por seus moradores e frequentadores, evitando, dessa forma, o apagamento do valor histórico e cultural do bairro na cidade de Mariana.

A utilização do modelo tridimensional como um exemplo de reconstrução virtual hipotética de um bem cultural, demonstrou-se uma ferramenta tecnológica relevante para a comunicação, divulgação e valorização do patrimônio cultural. Com fundamentação em documentos e fontes iconográficas, a modelagem permitiu a aproximação do que poderia ter sido a capela de São Gonçalo, mas ainda reconhecendo o seu caráter interpretativo. No campo da conservação e restauração, o modelo digital pode se inserir, no caso de um bem edificado e existente, como um gêmeo digital, podendo assumir um papel de análise estrutural de uma edificação histórica e também otimizar processos de restauração através dessa tecnologia.

Dessa forma, a pesquisa documental e iconográfica, além do uso de softwares de desenho e novas tecnologias, como a Inteligência Artificial, que nesse caso foi utilizada como renderizador das imagens geradas pelo software *Sketchup*, se firmam como instrumentos complementares da valorização, difusão e permanência de bens culturais, ampliando a possibilidade de registros desses bens culturais, que mesmo desaparecidos na materialidade, não inviabilizam a preservação da história.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Anuário do Museu da Inconfidência - Ano III**. Ministério da Educação e Saúde - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: 1954.
- CAMÊLLO, Roque. **Mariana: assim nasceram as Minas Gerais: uma visão panorâmica da história**. Belo Horizonte: Nitro, 2016.
- CANVA. **Plataforma de design gráfico online**. Versão 2026. Disponível em: <https://www.canva.com>. Acesso em 24 fev. 2026.
- CARDOSO, Luiza. **Igreja de N. Senhora da Conceição de Antônio Pereira/MG**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Conservação e Restauro) — Instituto Federal de Minas Gerais *Campus* Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci *et al.* **Casa de Câmara e Cadeia de Mariana: A recuperação de um patrimônio nacional**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- CAVALCANTI, Marina Russell Brandão. **Patrimônio virtual: a reconstrução em 3D e a preservação do patrimônio cultural**. 2019. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2019.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DENARD, Hugh. **Carta de Londres para a visualização computadorizada do patrimônio cultural (2009)**. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/76989/2/44714.pdf>. Acesso em 12 fev. 2026.
- FERREIRA, Maria Clara Caldas Soares. **Arquiconfraria do Cordão de São Francisco em Mariana: trajetória, devoção e arte (c. 1760–1840)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- GONÇALVES, Andréa Lisly *et al.* **Termo de Mariana: história e documentação**. 1 ed. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 1998.
- GONÇALVES, Andréa Lisly *et al.* **Termo de Mariana: história e documentação**. 2 ed. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2004.
- GOMES, Bruno de Souza; AVELINO, Diego Sampaio; ANDRADE, Luciana Bertolla; GIRELLI, Luísa; D’IMPERIO, Marcello Tadeu Gimenez; RAPOSO, Matheus Ferreira; SOUZA, Murillo Neves Noé de. Gêmeos digitais e sustentabilidade: uma abordagem inovadora para a conservação do patrimônio histórico. **Revista Caderno Pedagógico**, Curitiba: Studies Publicações e Editora Ltda., v. 22, n. 7, p. 1–23, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n7-043.
- ICOMOS. **Carta de Veneza: carta internacional sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios**. Veneza, 1964.

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS. Biblioteca Central. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos**. Belo Horizonte, 2020.

Lith. Ludwig & Briggs. **CIDADE de Mariana**. [1846–1847?]. Litografia. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon556886/icon556886.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon556886/icon556886.jpg). Acesso em: 24 dez. 2025.

MARIANNA. **Jornal Estrella Mariannense**. Ouro Preto, ano 1830, nº34, p.136, 23 dez. 1830.

MIRANDA, Selma Melo. **A arquitetura da capela mineira nos séculos XVIII e XIX**. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

NORMAS ABNT – ESPM. Figuras. Disponível em: <https://normas-abnt.espm.br/index.php?title=Figuras>. Acesso em: 31 dez. 2025.

OLIVEIRA, Pablo Menezes. **A formação de vilas na Capitania de Minas Gerais no final do século XVIII**. 2003. Monografia (Bacharelado em História) — Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2003.

OPENAI. **ChatGPT, modelo GPT-4 com DALL·E** (geração de imagem por prompt textual). 2026. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 12 fev. 2026.

PEREIRA, Carlos Alberto; TEDESCHI, Denise Maria Ribeiro; PEREIRA, Fabrício Luiz; ALFAGALI, Crislayne Gloss Marão. **O espaço e os construtores de Mariana (século XVIII)**. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

PORTUGUÊS moderno. Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/portugues-moderno/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA (MG). **Licitação – Concorrência eletrônica nº 11/2025**: Contratação de empresa de engenharia e/ou arquitetura para a restauração da Capela de Santana, localizado na Rua Santana, s/n, Mariana MG, abrange a execução de obras de engenharia, em bem tombado pelo IPHAN. Mariana, MG, 2025. Disponível em: <https://www.mariana.mg.gov.br/exibir-licitacao/996>. Acesso em: 7 mar. 2026.

RIEDEL, Augusto. **Cidade episcopal de Marianna**. [1868–1869]. 1 fotografia. Disponível em: [https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=5546](https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=5546). Acesso em: 25 ago. 2025.

SANCHES, Pedro Fosque. Irmandade de São Gonçalo de Mariana: sociabilidade e perfil social dos dirigentes (1749–1769). **Temporalidades – Revista de História**, Edição 39, v. 15, n. 1. Mar. 2023/Set. 2023.

SOUZA, Amador de. **RUÍNAS da Igreja de São Pedro em Mariana (MG)**. 1 fotografia. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico\\_docs/photo.php?lid=29452](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29452). Acesso em: 6 fev. 2026.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **Áureo trono episcopal**. 1749.

TRINDADE, Raimundo Otávio. **Instituições de igrejas no bispado de Mariana**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

VASCONCELLOS, Salomão de . **Mariana e seus templos: era colonial**. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner, 1938.

VASCONCELLOS, Salomão de. **Breviário histórico e turístico de Mariana**. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoria Contemporânea da Restauração**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

**VISTAS panorâmicas de Mariana**. [S.l.: s.n.]. 1 fotografia: Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon634344/icon634344.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon634344/icon634344.jpg). Acesso em: 24 dez. 2025.